



SOPHIE RAQUET/PROJETO CONTINIO

## INTERNACIONAL CRISE NO TIBETE

O professor de Relações Internacionais, Paulo Fagundes Visentini, acredita que os protestos que agitaram o Tibete há dois meses tiveram o objetivo de constranger o governo chinês. Para ele, o que perturba o Dalai Lama é o desenvolvimento econômico de seu povo, pois os tibetanos podem não estar dispostos a aceitar a idéia de uma autoridade do tipo feudal. [Página 10](#)

## CAMPANHA

### Comunidade da UFRGS vai eleger novo reitor entre quatro candidatos

Faltando menos de trinta dias para a realização da Consulta à Comunidade, marcada para dia 12 de junho, quatro chapas estão na disputa pela reitoria da UFRGS. Nesta edição, os candidatos Wrana Panizzi e Dimitrios Samios (chapa 1), Carlos Alexandre Netto e Rui Vicente Oppermann (chapa 2), Carlos Schmidt e Maria Ceci Misoczky (chapa 3), e Abílio Afonso Baeta Neves e

Diogo Onofre Gomes de Souza (chapa 4), apresentam os principais pontos de seus programas para a gestão 2008-2012. Estudantes, técnicos e professores estão convidados a participar dos debates que precedem a escolha do 21º dirigente de uma das mais prestigiadas instituições de ensino do país. A divulgação dos resultados ocorrerá no dia seguinte ao pleito. [Página 5](#)

## INCENTIVO FISCAL

### O destino das verbas públicas na cultura

Segundo pesquisadores, há uma confusão entre política cultural e lei de incentivo à cultura no país. Entre as críticas a essas leis, reina a insatisfação com o fato de o Estado delegar à iniciativa privada a decisão sobre o uso de seus próprios recursos. O financiamento direto seria a solução para o mercado, mas o orçamento dos fundos públicos não supre a demanda, e a cultura brasileira fica na mão dos departamentos de marketing das empresas patrocinadoras. [Página 13](#)

## Urbanismo Carência de espaços de lazer gera improviso nos campi

[Página 7](#)



Entre uma aula e outra, estudantes "inventam" seu lugar

## PROJETO ELSA

Pesquisa em saúde necessita de voluntários na Universidade

[Página 6](#)

## COMPORTAMENTO

Diretório Acadêmico da Arquitetura abriga um luthier

[Página 15](#)

## CARAS NOVAS Unimúsica resgata suas origens

[Página 12](#)



RENE CABRALES

## DEMOGRAFIA

### Casais brasileiros têm cada vez menos filhos

O número de nascimentos no Hospital de Clínicas de Porto Alegre está em declínio. Esta constatação acompanha uma tendência estadual e nacional de desaceleração do crescimento populacional, e apresenta uma nova característica: as políticas governamentais de planejamento familiar estão conseguindo atingir a população de baixa renda. Mas para os médicos ainda falta ampliar a atenção à gravidez na adolescência. [Página 11](#)

## Cartas

## Os cães do campus

A edição de março do JU veiculou matéria alusiva ao cuidado dispensado por um grupo de professores, alunos e servidores técnicos da UFRGS a cães sem dono, que vivem no Campus do Vale. Iniciativa meritória, sem dúvida, pois pessoas e animais devem ser bem tratados. Entretanto, a livre circulação desses bichos em espaços de uso públicos tem criado constrangimentos aos usuários do Campus, frequentemente obrigados a saltar sobre eles, instalados diante de portas de prédios ou nas rampas de acesso. Pior é precisar desviar-se de dejetos depositados pelo caminho. É anti-higiênico e constrangedor. Além disso, o fato deles serem vacinados e tratados não diminui o temor de um possível ataque. Penso que o amor de uns poucos não pode impor a toda a comunidade a convivência com animais soltos em espaços públicos comuns. Há uma lei municipal que impõe a obrigatoriedade de cães que circulam em espaços públicos usarem focinheiras. Por que na Universidade pensamos estar isentos do cumprimento da lei? Que cada um dedique-se aos animais em espaços privados.

**Lorena Holzmann**

Professora do Departamento de Sociologia - IFCH

## Confira o JU on line

Os internautas podem acessar a versão *on line* do Jornal da Universidade, disponibilizada no portal da UFRGS. O site, que tem projeto gráfico de Juliano Bruni Pereira e desenvolvimento de Fagner Nogueira, também permite acesso às edições anteriores do JU desde o número 75.

## Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS/ARQUIVO CORREIO DO POVO



► **1968** Em 23 de março, estudantes protestaram no centro de Porto Alegre contra o acordo MEC-USAID, que incluía uma série de convênios visando à implantação do modelo norte-americano nas universidades brasileiras. A agitação que caracterizou a década de 60 é tema da matéria da página central desta edição

## Espaço da Reitoria

## Reconhecimento aos que fazem a Universidade

No dia quatorze de abril, no Salão de Festas da reitoria, realizou-se a 3ª edição do Encontro da Comunidade Acadêmica em homenagem aos membros da UFRGS que, durante o ano de 2007, tiveram suas atividades premiadas nas mais diversas instituições, em todos os níveis – alunos do ensino fundamental, médio e técnico, graduandos, pós-graduandos, técnicos e docentes – e em diferentes áreas do conhecimento. O evento reforçou o entendimento de que nossa Univer-

sidade vem, ao longo de sua história, proporcionando a todos as condições para que desenvolvam com êxito suas capacidades.

Este ato, revestido de forte espírito acadêmico, homenageou duzentos e sessenta e dois integrantes de nossa comunidade que, com suas produções científicas, técnicas e artísticas, colocaram a UFRGS em destaque no cenário nacional e internacional.

Ao reconhecer publicamente a importância destas premiações queremos compartilhar com toda a co-

munidade a certeza de que é a contribuição de cada um que faz com que nossa Universidade seja uma das maiores do país, fato comprovado de modo inequívoco através de indicadores de qualidade das atividades universitárias.

Parabéns a todos pelas premiações, que são fruto do mérito acadêmico de cada um e orgulho para nossa Universidade!

**José Carlos Ferraz Hennemann**  
Reitor

## Artigo

## Ensino de música para todos

No início de abril, educadores musicais e músicos tiveram audiência com o ministro da Educação, Fernando Haddad, para solicitar a aprovação do Projeto de Lei (PL 330/2006), que altera a redação do art. 26 da lei nº 9.394, de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatório o ensino de música como modalidade artística independente nas escolas de Educação Básica. Após ouvir os argumentos, o ministro declarou que aprovará o projeto. A proposta determina que as aulas e atividades musicais deverão ser ministradas por professores especialistas. Não está previsto o ensino de música como disciplina específica na grade curricular, mas sim a obrigatoriedade das escolas oferecerem atividades musicais tais como, coro, grupos instrumentais, educação musical coletiva e ensino de instrumento. A implantação será gradativa dentro de um prazo estimado em cinco anos.

A mobilização em prol do projeto se iniciou em 2006 com a coordenação do Grupo de Apoio Parlamentar, em parceria com a Associação Brasileira de Educação Musical das Universidades Brasileiras (ABEM), e a International Society for Music Education (ISME), além do apoio de artistas e de outras 80 entidades ligadas à música no Brasil. A mudança possui um significado histórico para a educação musical no país, pois após 37 anos devolve a todas as crianças e jovens a

oportunidade de vivenciar e aprender música no espaço escolar.

O Brasil tem uma diversidade musical ímpar, na qual a aprendizagem e a prática musical não-formal têm predominado. Grande parte da população acha que para aprender música é preciso ter “dom”, talento. Este senso, quase comum, acaba reforçando a idéia de que fazer música é para poucos privilegiados, contrariando pesquisas e práticas que mostram exatamente o contrário.

Estima-se que parte significativa das escolas brasileiras cante com seus alunos, seja com o intuito de prepará-los para as festividades escolares, para auxiliar na aprendizagem de outros conteúdos curriculares ou como forma de recreação. Muitas escolas não contam com professores de música, a partir da crença de que qualquer um é capaz de ensinar algumas “musiquinhas” para seus alunos. Outras, contratam animadores culturais, ao invés de professores especializados no ensino de música, porque consideram a aprendizagem musical periférica e dispensável, reservada aos que possuem dom. Há também escolas públicas e privadas que possuem excelentes programas de música. No entanto, ainda são minoria.

Pesquisas demonstram que estudar música favorece o desenvolvimento de ferramentas básicas de aprendizagem, além de contribuir para o processo cognitivo, emocional e, sobretudo, para o desenvolvimento da criati-



vidade das crianças e adolescentes. Resultados também indicam que a vivência e a aprendizagem de música auxiliam na socialização de valores e no desenvolvimento da tolerância e da compreensão de diferentes matizes culturais. O Brasil, através do Ministério da Cultura, assinou o protocolo da Unesco sobre a preservação da diversidade cultural. Sendo assim, nada mais oportuno do que compartilhar o patrimônio cultural brasileiro com as nossas crianças e adolescentes, com vistas à preservação do mesmo.

Em muitos países, a educação musical nas

escolas é tida como fundamental para preservar as raízes culturais. Na China, a educação musical é obrigatória em todo o ensino básico. No Afeganistão, o governo está tentando resgatar a identidade cultural nacional através do que restou de sua memória musical.

Independente do motivo que move diferentes culturas a oferecer educação musical, parece existir uma crença compartilhada de que toda e qualquer pessoa pode aprender música e vivenciá-la de forma criativa e plena.

Resta perguntar se queremos formar reprodutores de conhecimento ou indivíduos criativos, críticos e autônomos, cientes da multiplicidade social, econômica e cultural, tanto no âmbito local quanto mundial.

É inegável o papel da arte em geral e da música em particular como forma de oportunizar ao aluno a expansão do seu universo cultural, para que ele possa entender a multiplicidade de manifestações artísticas e sua ligação direta com o desenvolvimento social de um povo ou nação.

**Liane Hentschke**  
Professora titular do Departamento de Música, presidente da ISME (International Society for Music Education)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Paulo Gama, 110  
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS  
CEP 90046-900  
Fone: (51) 3308-7000  
www.ufrgs.br

## Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

## Vice-reitor

Pedro Cezar Dutra Fonseca

## Chefe de Gabinete

João Roberto Braga de Mello

## Secretária de Comunicação Social

Sandra de Deus

## JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

## Conselho Editorial

Artur Lopes, Daltro José Nunes, Dirce Maria Antunes Suertergaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Maria Henriqueta Luce Kruse, Rudimar Baldissera, Sandra de Deus, Sérgio Marley Modesto Monteiro

## Editora-chefe

Ânia Chala

## Repórteres

Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira

## Bolsistas

Débora Gastal, Diego Difini e Fagner Nogueira

## Colaboraram nesta edição

Fernando Favaretto

## Projeto gráfico e diagramação

Juliano Bruni Pereira

## Fotografia

Cadinho Andrade e Flávio Dutra

## Revisão

Ânia Chala, Caroline da Silva, Débora Gastal e Jacira Cabral da Silveira

## Circulação

Márcia Fumagalli

## Fotolitos e impressão

Gráfica da UFRGS

## Tiragem

12 mil exemplares

OS TEXTOS ASSINADOS SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

e-mail: [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)



## Seleção FCE lança concurso para logotipo e artigos históricos

A Faculdade de Ciências Econômicas (FCE) lança concurso em homenagem ao seu centenário, a ser comemorado em 2009. Alunos, professores e egressos podem participar enviando sugestões para logotipo ou artigos e projetos históricos com os temas história da Faculdade, sua importância no desenvolvimento do estado do Rio Grande do Sul ou organização e atuação do movimento estudantil na FCE. Os prêmios são de R\$ 2,5 mil para cada primeiro colocado. Mais informações no endereço [www.ufrgs.br/fce/](http://www.ufrgs.br/fce/).

## Tecnologia Administração é premiada em evento internacional

O professor Luis Felipe Nascimento e o doutorando Iuri Gravovski, da Escola de Administração (EA) da UFRGS, receberam o prêmio de melhor trabalho acadêmico apresentado na 17ª Conferência Internacional em Gestão de Tecnologia, que aconteceu em Dubai, nos Emirados Árabes, entre os dias 6 e 10 de abril. Segundo Iuri, o trabalho vencedor, intitulado Aprendizagem organizacional e a escolha de tecnologias ambientais, "analisou os motivos que determinam a escolha entre o controle posterior da poluição ou a sua prevenção". A pesquisa foi feita em 92 empresas canadenses e realizada em parceria com o professor Robert Klassen, da Universidade de Western Ontário, no Canadá. A Escola também se destacou como a instituição que apresentou mais artigos, levando um total de 11 trabalhos ao evento.

## Homenagem Dupla distinção no Prêmio Açorianos

A Rádio da Universidade e o Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS receberam a distinção de Honra ao Mérito na 17ª edição do Prêmio Açorianos de Música. A homenagem foi feita à Rádio por seu trabalho de divulgação na área musical e ao Departamento de Música pelo centenário do Instituto. A solenidade, organizada pela Secretaria Municipal de Cultura, ocorreu em 24 de abril.

## Concurso Seleção de técnicos tem grande procura

Mais de 22 mil pessoas se inscreveram para o concurso de seleção de técnicos-administrativos da UFRGS. Cerca de 17,3 mil candidatos disputaram as 86 vagas disponíveis para nível médio e mais de 5 mil concorreram às 104 vagas destinadas a cargos de nível superior. As provas ocorreram no dia 18 deste mês, e os resultados devem ser divulgados em breve.

# Artes Visuais Alunos da UFRGS são destaque no Museu do Trabalho

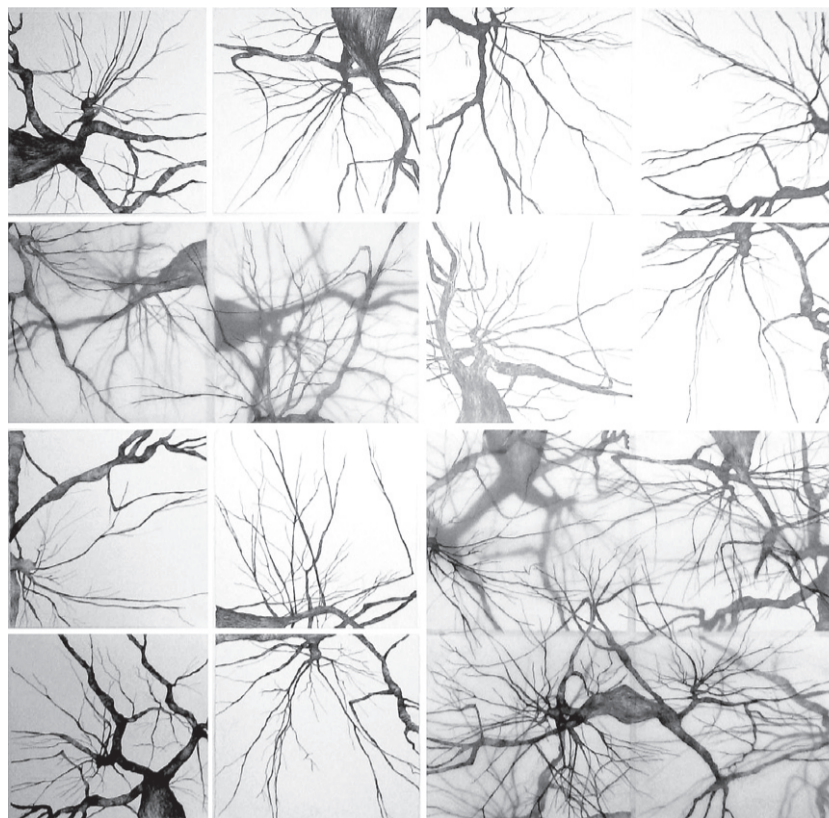
Tintas, grafite e materiais reutilizados são alguns dos elementos que compõem as obras expostas na mostra A Novíssima Geração, em cartaz no Museu do Trabalho até o dia 8 de junho. Esta é a segunda edição da exposição, que aconteceu pela primeira vez em 2003 e tem por objetivo abrir espaço para novos talentos. Entre 43 inscritos, cinco foram selecionados. Destes, quatro são ou foram alunos do Instituto de Artes (IA) da UFRGS.

Cláudia Hamerski utiliza o grafite para dar novo sentido a formas já conhecidas. Segundo a artista, "a composição em módulos cria uma atmosfera de jogo em que procuramos o encaixe perfeito e somos estimulados a observar a individualidade de cada desenho". Ela concluiu o curso de bacharel em desenho pelo IA em 2006.

Rafael Araújo cursa o último semestre de Artes Plásticas no Instituto. Seu trabalho é baseado no reaproveitamento de materiais descartáveis, como etiquetas auto-colantes.

Valesca Kuhn trabalha com o fluxo de pensamento, levando ao papel traços e respingos não premeditados. São "desenhos que nascem pela simples vontade de desenhar", explica. Ela é bacharel em Desenho pelo IA, onde agora estuda gravura.

Tomas Barth, também estu-



dante de Artes Visuais, e explora as técnicas do lápis sobre o papel, através do retrato de ferramentas.

Talita Hoffmann é a única participante sem vínculo com a Universidade. Seus desenhos são inspirados no surrealismo pop. A artista foi convidada a expor suas obras em uma mostra individual no Museu do Trabalho, em 2009.

**Trabalhos de Cláudia Hamerski (acima), Valesca Kuhn (no alto, à direita) e Tomas Barth (ao lado)**

O Museu funciona na Rua dos Andradas, 230 e tem visitação de terças a sábados, no horário das 13h30min às 18h30min. Domingo e feriados, das 14h às 18h30min.



REPRODUÇÕES

## Reconhecimento Professor alemão recebe título Dr. Honoris Causa

O professor Hans-Uwe Erichsen, jurista e catedrático da Universidade de Münster, na Alemanha, recebeu o título de Doutor Honoris Causa no dia 25 de abril. Erichsen foi reitor da universidade alemã entre 1986 e 1990, quando estabeleceu um acordo de cooperação entre a instituição e a Faculdade de Direito da UFRGS. Esteve presente à cerimônia o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, que foi orientando do professor. O Jornal da Universidade conversou com o homenageado, que tem cerca de 300 artigos publicados no campo do Direito Público e desenvolve pesquisas nas áreas do Direito Constitucional e do Direito da Educação Superior.

**JU – Como estão as parcerias entre as universidades brasileiras e alemãs?**

**HUE –** A primeira viagem que fiz como reitor foi para o Brasil, para estabelecer a cooperação entre a



CADINHO ANDRADE

Universidade de Münster, a UFRGS e a UFSC. Tivemos muito sucesso, mas hoje muitos dos que estavam engajados estão aposentados ou já morreram, e este intercâmbio diminuiu.

**JU – A homenagem recebida é um reconhecimento a esta iniciativa pioneira?**

**HUE –** Acredito que seja resultado de um compromisso que sempre tive com a UFRGS. Vou tentar reencontrar um caminho para levar estudantes daqui para a Universidade de Münster e vice-versa.

## Especialização Manejo integrado de pragas e doenças de plantas

Até 30 de junho, estarão abertas as inscrições para o curso de especialização Tecnologias inovadoras no manejo integrado de pragas e doenças de plantas. Inédito no Sul do Brasil, o curso visa atender a demanda para a atualização de conhecimentos nos avanços científicos na área de Fitossanidade. Com limitação de 20 vagas, as aulas serão realizadas de 1º de agosto de 2008 a 12 de dezembro de 2009. A carga horária é de 360 horas, distribuídas em 12 disciplinas. Mais informações pelo telefone 3308-6031 ou através do site [www.ufrgs.br/agrofitossan](http://www.ufrgs.br/agrofitossan).

## Ciência Mercosul incentiva pesquisas com biocombustíveis

Até o dia 4 de agosto, estão abertas as inscrições para o Prêmio Mercosul de Ciência e Tecnologia 2008, cujo tema é o biocombustível. Os melhores trabalhos de estudantes, jovens universitários, jovens pesquisadores e equipes de pesquisa, com potencial contribuição para o desenvolvimento científico e tecnológico dos países membros, receberão prêmios que vão de US\$ 2 a 10 mil. Os candidatos devem ser vinculados ao Mercosul por nacionalidade ou residência. Mais informações no endereço [www.unesco.org.br/premiomercosul](http://www.unesco.org.br/premiomercosul).

## Mobilidade acadêmica Intercâmbio com universidade portuguesa

Estão abertas as inscrições para intercâmbio com a Universidade do Porto, de Portugal. As vagas são para alunos de graduação dos cursos de Arquitetura, Economia, Ciências e Engenharias ligadas à Escola de Engenharia. O prazo para inscrições para o ano letivo comple-

**U. PORTO**

to ou para o primeiro semestre vão até 2 de junho, exceto para as engenharias. Em Portugal, o primeiro semestre letivo inicia na terceira semana de setembro. Informações completas sobre programas e pré-requisitos podem ser obtidas no endereço [www.ufrgs.br/reinter](http://www.ufrgs.br/reinter).

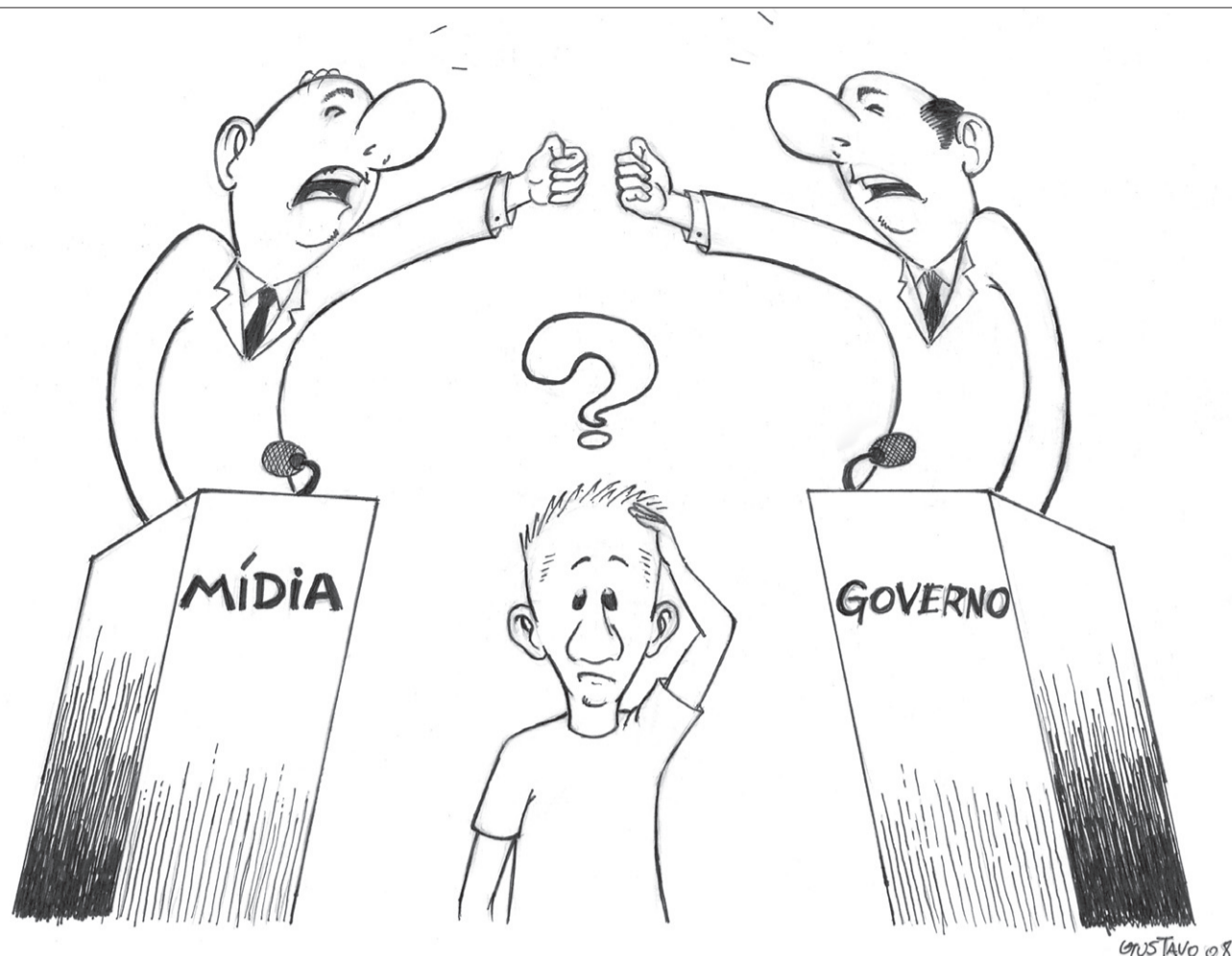
## Dicas de sites

**Domínio público**  
[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)

Biblioteca digital que disponibiliza o download gratuito de obras que já são de domínio público ou têm a permissão dos autores para serem compartilhadas. Mais de 80 mil títulos estão armazenados, constituindo um acervo que engloba desde livros e dissertações acadêmicas até composições eruditas e populares. A pesquisa pode ser feita por nome do autor ou da obra, idioma, conteúdo ou tipo de mídia (som, imagem, vídeo ou texto). O visitante também pode colaborar cedendo suas obras ao site, traduzindo ou digitalizando trabalhos cuja reprodução tenha sido autorizada.

**Missão Europa – ensino interativo de idiomas**  
[www.mission europe.eu](http://www.mission europe.eu)

Página interativa onde se pode aprender alemão, francês e polonês, através de jogos em que o visitante participa de um romance policial. Na Mission Berlin, o jogador luta contra os inimigos da Alemanha reunificada. Na Misja Kraków, a missão é garantir que a Polónia entrará na União Européia. E na Mission Paris, deve-se impedir que os seguidores de Napoleão III voltem ao poder. Na medida em que o jogador decifra os enigmas da história, recebe informações sobre a cultura e a língua do país onde o jogo se desenvolve. O site é um projeto conjunto entre a Rádio França Internacional (França), Deutsche Welle (Alemanha), Polskie Rádio (Polónia) e Radiofabrik (Áustria).



## As razões da popularidade de Lula

Tânia Almeida \*

Como um político cuja imagem foi excessivamente exposta via mídias em razão de escândalos de corrupção consegue reeleger-se com quase 60% dos votos válidos em 2006 e, no primeiro semestre de 2008, chega 55% de popularidade? Alguns dirão que, sendo um ano eleitoral, o governo Lula utiliza-se de antigas estratégias, como o lançamento de programas da União e a liberação de recursos a governos com déficit orçamentário. Outros, que os programas sociais têm sido a âncora da popularidade de Lula e que, à população pobre — especialmente de regiões como o nordeste —, interessa o pão e não as virtudes.

Ocorre que a política é um terreno acidentado, no qual transitam instituições e sujeitos com interesses, perspectivas ideológicas e poder de representação muito distintos. As mídias também participam não só em razão da visibilidade social que propiciam à política, mas pela forma como dão a ver os fatos, as ações e os discursos dos atores políticos. Numa pesquisa mundial sobre a credibilidade de várias instituições, realizada pelo Instituto GlobeScan para a BBC, Reuters e The Media Center, em março de 2006, 55% dos entrevistados declararam não confiar nas informações obtidas através da mídia. No Brasil, 80% disseram que a mídia exa-

gera na cobertura das notícias ruins, e 44% afirmaram ter trocado de fonte de informação nos 12 meses anteriores em razão da perda de confiança. Considerando que os meios informativos (?) são a principal fonte de conteúdo sobre a política (58% dos brasileiros dizem usar a TV para isso, de acordo com pesquisa da revista Carta Capital, de junho de 2006), era de se esperar que predominassem índices de popularidade, senão péssimos, regulares. O sinal amarelo aceso para as mídias em 2006 com a reeleição reforça a idéia de que, no processo de formação da opinião sobre o governo Lula, incidem outros fatores que relativizam o peso que os escândalos possam ter tido no período de grande exposição negativa da imagem do presidente. Para se ter uma idéia, no que diz respeito à imprensa escrita, a quarta maior revista semanal de informação do mundo, *Veja*, editou de maio a dezembro de 2005, 19 capas com referência ao presidente, ao seu partido e ao governo, o que representou 36,5% do total de edições daquele ano (52 no total).

*O apelo à simplificação não contribui para a democracia, reforça estigmas*

A política na TV, no jornal, no rádio ou na capa da revista transforma-se no terreno plano no qual a grande questão invariavelmente é a luta entre o bem e o mal. Isso decorre não apenas das condições de produção do conteúdo jornalístico, que privilegiam a rapidez e a simplificação dos conceitos, mas também do tipo de espetacularização a que o tema é submetido em detrimento da reflexão sobre idéias e projetos para o país.

Mas há um lugar onde a política também se dá a ver: no cotidiano de 90% das famílias com renda inferior a três salários mínimos (80% na área rural), que passaram a ter energia elétrica ou dos 200 mil estudantes que ingressaram na universidade com o ProUni. Pesquisa do Instituto Ipsos (22 março de 2007) revelou que, de 2005 para 2006, o número de brasileiros considerados de baixa renda diminuiu de 92,9 milhões para 84,8 milhões. O cotidiano do setor privado também se alterou com o crescimento do volume de exportações, que saltou de US\$ 60 bilhões para US\$ 100 bilhões.

Isso justifica pensar que prevalece a cultura do 'rouba, mas faz'? Responder à questão é tão complexo quanto a própria política, e as pesquisas de popularidade do presidente não dão conta de explicar. A dimensão do país, sua diversidade cultural e o universo de expectativas e necessidades da população tornam o debate também um terreno acidentado, para o qual concorrem a desconfiança nas mídias, a inserção em programas de governo, os índices econômicos e a percepção de que talvez a política não se resume ao duelo entre mocinhos e bandidos.

O apelo à simplificação para compreender o momento que o país atravessa não contribui para a democracia, reforça estigmas e alimenta o preconceito de classe, o mesmo que fundamenta expressões como 'monoglota convicto' em recente nota publicada num jornal da capital gaúcha sobre o presidente Lula. E é bom para a democracia que não haja respostas prontas e que a política continue sendo o lugar do contraditório, do tensionamento e da disputa bem disputada, da qual todos possam participar.

\* *Relações Públicas e professora universitária, mestre em Comunicação e Informação pelo PPGCOM/UFGRS*

## Em defesa da abolição dos experimentos com animais

Róber F. Bachinski \* e Maria de Nazareth de A. Hassen \*\*

“O grande erro de toda a ética tem sido, até agora, o de crer que deve se ocupar somente com a relação do homem com o homem” — Albert Schweitzer

As leis que restringiram o uso de animais em pesquisas científicas demonstram o interesse da sociedade em que pesquisadores criem métodos substitutivos. Contudo, essas leis não colocaram a comunidade científica em estado de alerta, mas sim a indústria (de produção dos animais, materiais, rações etc.) e aquela parcela de cientistas interessados na vivissecção. A questão é por que essas pessoas entraram em estado de alerta? O que denunciemos é um limite ético na ciência, como também é o uso de pessoas sem o consentimento informado e daqueles que não podem consentir (como crianças e deficientes mentais).

Nós participamos do movimento pela abolição do especismo (por alguns denominado antiespecismo) e jamais antiespecistas, pois o que combatemos é o preconceito que desconsidera os interesses dos outros animais (o especismo) e não as pessoas especistas, muitas vezes desinformadas da situação. Assim como o movimento pela abolição da escravidão negra que queria destruir (e o fez) o escravagismo e não as pessoas que apoiavam a escravidão.

Também somos favoráveis a uma lei federal sobre a vivissecção, não considerando satisfatório o projeto de Lei 1.153/1995, uma vez que ele não prevê fim à vivissecção. Apoiamos uma lei que dê prazo para que os cientistas possam adaptar suas metodologias, incentivando o desenvolvimento de métodos éticos. A questão que se coloca não é se nesse momento têm-se condições de suspender o uso de animais, mas sim se este uso é moralmente correto. Se analisarmos suas bases morais, veremos, como já foi dito por diversos filósofos (de Porfírio a Francione, passando por Bentham, Schopenhauer, Singer e Regan) que não há diferenças relevantes entre animais e humanos. Os animais, pelo menos os vertebrados, possuem, como você e nós, consciência (características subjetivas, como sofrimento, dor e alegria). Assim, devemos respeitar seus interesses de, por exemplo, serem livres, procurarem seu alimento, conviverem com outros seres vivos, exercerem suas habilidades e não lhes causar sofrimentos, como respeitamos os interesses humanos. Se não hou-

*Apesar das normas para a vivissecção, a legislação nem sempre reflete o que é eticamente correto*

vesse alternativa ao uso de crianças em experiências, esse uso não seria correto e alternativas deveriam ser criadas. Deste modo, a questão não remete apenas ao fato dos experimentos serem dolorosos ou não, como critério para as Comissões de Bioética ao aprovarem as experiências, mas ao processo de obrigar um ser a viver sem que se leve em consideração uma série de outros interesses, para além de não sentirem dor.

As pessoas cujos procedimentos de pesquisa, ou mesmo de aula, envolvem a vivissecção alegam a existência de normas que a regulamentam, porém lembramos que a legislação nem sempre reflete o que é eticamente correto. Embora criticada por Bentham em 1789, só em 1888 a escravidão foi tornada prática ilegal no Brasil. Cabe muitas vezes à sociedade civil pressionar por leis mais justas e que se estendam àqueles que não teriam condições de se mobilizar por conta própria. Lembremos do estudo Tuskegee que, financiado pelo governo dos EUA nos anos 30, negou tratamento a centenas de homens negros contaminados

por sífilis, porque tinha o objetivo de conhecer o desenvolvimento da doença naquela população. Durante todo o seu desenvolvimento, exceto em apenas uma publicação, a pesquisa não foi questionada eticamente pela comunidade científica (Bioética - UFRGS, 2001).

Muitas doenças virais, conhecendo os meios de transmissão, como AIDS, poderiam ser evitadas e/ou erradicadas com melhores políticas públicas, informação e educação, o que ainda ajudaria a melhorar a condição de vida das pessoas. O mesmo ocorre com tantas outras doenças que se manifestam por questões ambientais, como a falta de saneamento básico, má alimentação, tabagismo e sedentarismo.

Por meio de educação e de debate interessante no bem comum, com exposição transparente dos fatos que concorrem para um melhor julgamento, poderemos deixar para “as gerações vindouras” não apenas caixas de medicamentos, mas um exemplo de paz e respeito pelos interesses de todos os seres, por mais diferentes que eles sejam.

\* *Aluno de biologia da UFRGS, membro do Grupo pela Abolição do Especismo de Porto Alegre (GAE/POA)* \*\* *Filósofa, mestre em Antropologia, doutora em Educação pela UFRGS e também integrante do GAE/POA*



# Conheça as propostas dos candidatos à reitoria

## Eleições

*Há menos de um mês da votação, os integrantes das quatro chapas divulgam suas idéias à comunidade universitária*

Ânia Chala

A UFRGS prepara-se para eleger seu 21º reitor numa disputa que envolve quatro candidatos. Conforme sorteio realizado no último dia 6, a ordem das chapas na cédula única digital ficou assim definida: chapa 1, formada pela professora Wrana Maria Panizzi e Dimitrios Samios; chapa 2, liderada pelo professor Carlos Alexandre Netto e Rui Oppermann; chapa 3, composta pelo professor Carlos Schmidt e Maria Ceci Misoczki; e chapa 4, constituída pelo professor Abílio Afonso Baeta Neves e Diogo Onofre Gomes de Souza.

A campanha, que teve início no dia 14 deste mês, tem o acompanhamento de uma Comissão de Consulta, presidida por Celso Loureiro Chaves, docente do Departamento de Música. Entre outras atribuições, cabe ao órgão supervisionar a campanha; nomear as seções eleitorais com urnas eletrônicas, determinando seus locais de funcionamento e fiscalizando suas atividades; e credenciar fiscais e delegados para atuarem junto a essas seções.

**Retrospectiva** – Até a primeira metade da década de 80, somente os representantes do Conselho Universitário (Consun) tinham direito a votar para a escolha do reitor. Uma lista sextupla era encaminhada ao Ministério da Educação para a indicação do novo dirigente. O nome mais votado encabeçava a lista, mas o MEC podia escolher qualquer um dos candidatos indicados pelo Conselho.

Em 1988, um ano antes da realização das primeiras eleições democráticas para a presidência do país após o regime militar, a Universidade passou a realizar uma consulta ao conjunto dos integrantes da comunidade universitária. Pela primeira vez, professores, técnicos e alunos tiveram a oportunidade de opinar.

As eleições em que a UFRGS escolherá seu novo dirigente estão marcadas para o dia 12 de junho, com divulgação dos resultados no dia seguinte. Ao lado, as propostas de cada uma das chapas que concorrem à reitoria, conforme textos enviados pelos candidatos.

### Calendário dos debates

Campus Olímpico – Sala de Rítmica da ESEF  
21 de maio, quarta-feira, às 9h

Campus da Saúde – Anfiteatro José Baldi do HCPA  
30 de maio, sexta-feira, às 9h

Campus do Vale – RU3  
3 de junho, terça-feira, às 14h

Campus Centro – Salão de Atos  
11 de junho, quarta-feira, às 9h



EDUARDO PRESSER

## Chapa 1

### Wrana Panizzi Projeto UFRGS Urgente

Nosso programa, formulado a partir de debates com mais de 150 professores, técnico-administrativos e estudantes, busca afirmar a UFRGS como uma universidade pública para servir, livre para criar e formar, autônoma, responsável e de excelência. Nossos Compromissos Programáticos são:

- Liderança e projeção para o futuro de uma universidade pública e inclusiva, responsável e plural, gratuita e de qualidade, promotora da liberdade na criação, da excelência na formação, na construção do conhecimento e na inovação, reconhecida internacionalmente.
- Construção coletiva do Plano de Desenvolvimento Institucional.
- Exercício de uma gestão aberta, compartilhada, plural e transparente.
- Promoção da excelência da educação mediante a integração plena do ensino, pesquisa e extensão.
- Estruturação da Universidade, adequando-a à dinâmica acadêmica contemporânea.
- Eficiência administrativa, promotora do crescimento e da qualificação institucionais, da autonomia e da responsabilidade compartilhada.
- Compromisso com a ética, a cidadania, a justiça social e o desenvolvimento do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Queremos que a UFRGS se mantenha capaz de atrair e fixar talentos, de ampliar suas pesquisas, aperfeiçoar seu ensino, qualificar seus egressos nos avanços da ciência e da tecnologia, aprofundar seus compromissos sociais e formar lideranças para promover as transformações que a sociedade reclama.

**Wrana Maria Panizzi** Professora titular (Arquitetura, UFRGS), pesquisadora CNPq (1B), doutora em Urbanismo (Paris XII) e Ciências Sociais (Paris I). Foi coordenadora do PROPUR, presidente da ANPUR, reitora da UFRGS por duas gestões, presidente da ANDIFES e do CUIB. É vice-presidente licenciada do CNPq.

**Dimitrios Samios** Professor titular (Química, UFRGS), pesquisador CNPq (1C), doutor em Química (Bielefeld, Alemanha). Foi professor e pesquisador na Grécia, Alemanha, Áustria, EUA e Israel. Na UFRGS foi diretor de unidade e pró-reitor de Recursos Humanos.



MÁRIO BITT-MONTEIRO

## Chapa 2

### Carlos Alexandre Netto A universidade que queremos

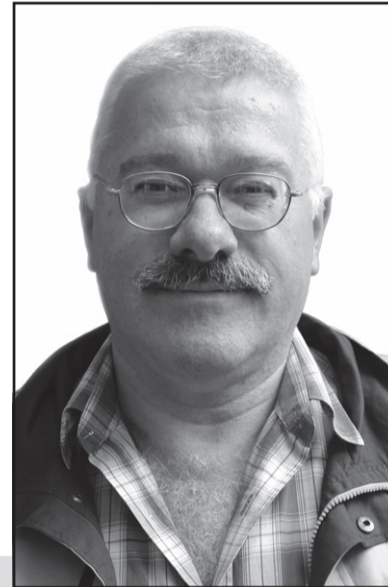
A Universidade que queremos é a universidade pública, gratuita, qualificada, plural e comprometida com o Brasil contemporâneo. Uma universidade que seja protagonista na construção de um projeto de país desenvolvido e socialmente justo. Nossa proposta, construída com a participação de docentes, técnico-administrativos e estudantes, enfatiza a qualidade, a inclusão e a expansão equilibrada das atividades acadêmicas, com ênfase na relação entre a Universidade e a Sociedade.

Destacamos os seguintes pontos programáticos:

- Expansão qualificada, com inclusão, do ensino de graduação e de pós-graduação, dos projetos de pesquisa, de extensão e de inovação e de desenvolvimento tecnológico.
- Gestão eficiente, transparente e com otimização de rotinas e processos, baseada no relacionamento institucional e respeitoso.
- Construção democrática do Plano de Desenvolvimento Institucional.
- Ampliação, capacitação e valorização dos quadros de docentes e técnico-administrativos e ampliação de ações de promoção à saúde.
- Melhoria do ambiente acadêmico e da infra-estrutura física, com elaboração de Planos Diretores e de recuperação e manutenção dos campi, aprofundando a política de gestão ambiental.
- Atenção à política de ações afirmativas.
- Apoio à assistência estudantil, com ampliação das casas de estudantes, dos restaurantes universitários e das bolsas.
- Apoio às ações de mobilidade e internacionalização acadêmica.

**Carlos Alexandre Netto** Professor associado no Departamento de Bioquímica do ICBS, onde atua no ensino e coordena laboratório de pesquisa em Neurociências. Pesquisador 1 A do CNPq - com mais de 100 publicações e 38 mestres/doutores orientados - foi diretor do ICBS, Pró-reitor de Pesquisa e é, atualmente, Pró-reitor de Graduação.

**Rui Vicente Oppermann** Doutor em Odontologia pela Universidade de Oslo, professor titular de Periodontia e Pesquisador do CNPq na área de Prevenção, Epidemiologia Clínica e Saúde Coletiva. Coordena atividades de extensão institucionais da Faculdade de Odontologia, da qual é o atual diretor.



CADINHO ANDRADE

## Chapa 3

### Carlos Schmidt Por uma UFRGS pública e democrática

Aquela Universidade autônoma, gratuita, democrática, inclusiva e voltada para as necessidades da maioria dos brasileiros, promessa na redemocratização do país, foi abortada pela crise econômica e consolidação do neoliberalismo. Em vez disso, as universidades têm se amesquinando. Na nossa UFRGS isso se expressa na precarização do trabalho de professores e servidores; na fragmentação da instituição pela desarticulação da gestão; no comprometimento da qualidade do ensino, extensão e pesquisa; no desestímulo à crítica e à formulação de alternativas para nossa sociedade.

Devemos recusar o papel de síndicos de um aglomerado de unidades atomizadas e fazer uma defesa decidida do Sistema Universitário, em conjunto com a comunidade da UFRGS, em um contexto de ampla democracia interna. As eleições devem valorizar igualmente os votos de professores, estudantes e técnicos-administrativos; os instrumentos de gestão estratégicos e de curto prazo devem ser elaborados e acompanhados pelo conjunto da nossa comunidade.

Destacamos os seguintes pontos de nosso programa:

- Expansão com qualidade.
- Esforços para eliminar a contratação precária de técnicos e professores.
- Recuperação da infra-estrutura.
- Apoio à pesquisa interdisciplinar, construída em diálogo com toda a sociedade.
- Ampliação da extensão, principalmente junto aos setores excluídos, articulando-a com a pesquisa.
- Valorização das atividades de desenvolvimento tecnológico.
- Início dos debates para a Estatuinte.
- Ampliação dos restaurantes universitários e moradia estudantil.
- Ampliação do acesso a creches, incluindo os estudantes.

**Carlos Schmidt** Professor da Faculdade de Ciências Econômicas; licenciado em Matemática; mestre em Análise Regional e Organização do Espaço e doutor em Socioeconomia do Desenvolvimento.

**Maria Ceci Misoczki** Professora da Escola de Administração; médica sanitária, mestre pelo PROPUR, doutora em Administração.



FABRÍCIO S. PERUZZO

## Chapa 4

### Abílio Afonso Baeta Neves O futuro é agora

Este programa visa a capacitar a UFRGS para enfrentar, de forma ousada, os desafios da sociedade do conhecimento ampliando sua liderança para atender às demandas da sociedade. O programa propõe:

- Aprimorar o ensino de graduação e promover sua expansão, qualificando os espaços físicos e sua infra-estrutura de apoio.
- Implementar programas de aperfeiçoamento para servidores técnicos-administrativos.
- Consolidar a UFRGS como referência nacional e internacional nas diversas áreas de conhecimento.
- Criar o programa “enxoval” para os professores recém-ingressados e um programa institucional para pós-doutores.
- Mobilizar a UFRGS para participar na implementação de políticas de educação, cultura, ciência e inovação.
- Implantar o Parque Tecnológico.
- Tornar a UFRGS um centro de produção cultural e artística.
- Assegurar o caráter público e gratuito da UFRGS.

**Abílio Afonso Baeta Neves** Presidente da FAPERGS, liderou a luta pela destinação de 1,5% da arrecadação de impostos do estado para o fomento da pesquisa científica e tecnológica. Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da UFRGS, concebeu o Salão de Iniciação Científica. Secretário de Ensino Superior do MEC, lançou o Programa de Reequipamento dos Laboratórios de Graduação das IFES e dos Hospitais Universitários. Na presidência da CAPES, apoiou a reestruturação do Sistema Nacional de Avaliação da Pós-Graduação e implantou o Portal de Periódicos. Professor Associado 1 do Departamento de Ciências Políticas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

**Diogo Onofre Gomes de Souza** Idealizador, na UFRGS, do Programa de Educação em Ciências, coordena a Rede Nacional de Educação em Ciências. Recebeu, em 2006, a Ordem Nacional do Mérito Científico, MCT. Pesquisador IA do CNPq, com mais de 250 artigos em periódicos indexados de circulação internacional. Membro titular da Academia Brasileira de Ciências. Sócio da ADUFRGS desde sua fundação, tendo sido presidente do Conselho Superior. Professor Titular do Departamento de Bioquímica do Instituto de Ciências Básicas da Saúde.



# Doenças crônicas são tema de estudo

**Levantamento**  
*Projeto busca voluntários na UFRGS para pesquisa sobre saúde de adultos e idosos brasileiros*

Jacira Cabral da Silveira

Até o final do ano, terá início na UFRGS e em outros cinco centros de pesquisa nacionais o Projeto ELSA Brasil – Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto. A pesquisa é uma iniciativa do Ministério da Saúde, por intermédio do Departamento de Ciência e Tecnologia (Decit), da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, e do Ministério da Ciência e Tecnologia, através da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). A partir deste estudo serão realizados levantamentos inéditos na América do Sul sobre os aspectos epidemiológicos, clínicos e moleculares de doenças crônicas não transmissíveis, especialmente as cardiovasculares e o diabetes.

Esse será o maior levantamento do gênero realizado na América Latina, sendo que o governo brasileiro investiu cerca de R\$ 22 milhões na estruturação de um consórcio formado por conceituadas instituições de ensino e pesquisa, selecionadas através de chamada pública. Como uma das escolhidas, a UFRGS deverá selecionar dois mil voluntários, docentes e técnicos (da ativa ou aposentados). Poderão habilitar-se pessoas com idade entre 35 e 74 anos. Segundo dados já coletados, 56% das mulheres e 44% dos homens que trabalham na Universidade estão na faixa etária de interesse do ELSA Brasil.

O Centro de Investigação ELSA-RS está situado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), numa área física do Centro de Pesquisa e Pós-graduação, adaptada às exigências de padronização de procedimen-



Participantes serão submetidos a uma bateria de exames

tos e exames do Estudo. Essa área também concentrará as atividades do Centro de Dados e dos Centros de Leitura de Retinografia e Ecocardiografia, onde serão processadas as informações coletadas pelo programa em todo o Brasil. Para o reitor José Carlos Ferraz Hennemann, “este estudo proporciona condições para a melhor formação dos estudantes da área da saúde, em nível de graduação e pós-graduação, alicerçada na realidade da população”.

Embora existam pesquisas semelhantes em nível internacional, espera-se poder produzir um conhecimento voltado para a forma de viver do brasileiro, levando em conta aspectos culturais e o diverso contexto socioeconômico da população. Dessa forma, o desenvolvimento de políticas públicas será mais adequado à realidade nacional, o que não existe hoje em dia, pois as referências têm como fonte levantamentos realizados no exterior. Nessa perspectiva, o Projeto ELSA Brasil permitirá construir parâmetros para pensar a saúde da população adulta e idosa brasileira.

**Equipe gaúcha** – Os pesquisadores ELSA-RS estão ligados a diferentes grupos do CNPq nas áreas de epide-

miologia, diabetes melitus, hipertensão, doenças cardiovasculares e medicamentos. Nos últimos cinco anos, produziram mais de 100 artigos em revistas indexadas internacionalmente. A coordenação é dividida entre os dois principais especialistas brasileiros no campo da epidemiologia social, Maria Inês Schmidt e Bruce Bartholow Duncan. Eles possuem ampla experiência nas atividades de ensino e pesquisa sobre doenças crônicas degenerativas e fazem parte do Comitê Diretivo do ELSA Brasil, além de serem professores da UFRGS.

A partir dos anos 80, países como o Brasil passaram a ser vistos como nações onde os principais problemas de saúde pública não eram os materno-infantis, nutricionais e infecciosos, mas as doenças crônicas. “Nosso índice de mortalidade atribuído a doenças crônicas é de 75%”, revela Bruce.

Por essa razão, essas doenças são prioritárias no que se refere à saúde pública nacional, na qual o diabetes e as doenças cardiovasculares constituem problema fundamental. Segundo Bruce, cerca de 50% dos gastos do Ministério da Saúde são com doenças crônicas. “Estimamos, numa tese de doutorado, que apro-

ximadamente 9% dos custos com internações no SUS são atribuídos aos casos de diabetes.”

Conforme explica Maria Inês, “com esse projeto, produziremos conhecimento tão importante quanto o desenvolvido na década de 50, quando se começou a buscar as causas de algumas doenças crônicas”. Considerando que tudo aquilo que se sabe atualmente sobre essas doenças vem dos países do hemisfério norte, “em uma década, os participantes do ELSA se sentirão orgulhosos por terem participado da pesquisa”.

Por outro lado, a especialista salienta que os voluntários também terão resultados mais diretos com relação a sua saúde. Com exames tão sofisticados, eles poderão avaliar precocemente situações atuais que irão repercutir no futuro em forma de doenças. Além disso, um ano depois de concluído o projeto, cada voluntário será acompanhado por um sistema denominado “vigilância de saúde” que verificará seu estado de saúde.

A professora informa que o lançamento do projeto ocorrerá no início do próximo semestre. Os interessados em participar como voluntários poderão obter mais informações através do telefone 3308-5306.

## Conhecendo a UFRGS

**Laboratório de magnetismo**  
A construção de caminhos próprios

Por Fernando Favaretto



## UFRGS TV

Na área da Física, muitas semelhanças podem ser encontradas entre máquinas e corpo humano, como a existência de sensores magnéticos presentes, tanto nos freios ABS de um automóvel quanto nas correntes elétricas que passam pelo nosso cérebro.

A dinâmica e as potencialidades desses sensores estão entre os principais temas estudados pelo Laboratório de Magnetismo da UFRGS. Criado junto ao Instituto de Física em 1983, o Laboratório iniciou suas atividades preocupado em estudar materiais volumosos, como os ímãs, mas a partir de 1990 dedicou-se à pesquisa de materiais nanoestruturados, voltando suas atenções para a nanociência e para a nanotecnologia.

O coordenador do setor, professor João Edgar Schmidt, diz que para conciliar a aplicação de novidades tecnológicas com o aprofundamento acadêmico, o Laboratório de Magnetismo desenvolve várias linhas de pesquisa, muitas delas em parceria com instituições de ensino e empresas. Uma dessas pesquisas tem se preocupado com o uso de sensores magnéticos para a medição da energia elétrica, como explica Schmidt: “Temos uma associação com algumas



empresas para tentar desenvolver um novo sensor que faça, além da medição da energia, a comunicação do seu consumo diretamente para a empresa, de maneira que a própria rede elétrica possa funcionar como transportadora da informação”.

Uma das características do Laboratório é o desenvolvimento de equipamentos próprios, o que, além de aliar teoria e prática, amplia as possibilidades de compreender e aperfeiçoar muitos conhecimentos, não apenas relacionados à Física:

“Realizamos desde a produção até a investigação do material, usando tecnologias que são desenvolvidas aqui. Não é simplesmente importar máquinas com caracterização, para fazer medidas e interpretar. Procuramos entender o processo como um todo, desde apertar um parafuso até fazer a simulação teórica de algum procedimento”, enfatiza o professor.

## Assista ao programa

O programa *Conhecendo a UFRGS* sobre o laboratório de magnetismo vai ao ar no dia 27 de maio, com reprise em 5 de junho, às 21h30min, através da UNIV, canal 15 da NET Porto Alegre

# Registro ágil de ações extensionistas

**Informatização**  
*Pró-reitoria de Extensão lançou nova versão de seu sistema*

Está no ar, desde o dia 30 de abril, a nova versão do Sistema da Extensão, ferramenta de registro de projetos de interação com a sociedade. Resultado do trabalho conjunto da Pró-reitoria de Extensão, Câmara de Extensão e Centro de Processamento de Dados, as atualizações vêm em linguagem PHP, o que corresponde tanto aos avanços tecnológicos da área, quanto à demanda dos extensionistas por um sistema mais eficiente e de uso facilitado.

Na cerimônia de lançamento, o vice-reitor, Pedro Cezar Dutra Fon-

seca, destacou a liderança da UFRGS na informatização dos dados das atividades extensionistas, que geralmente não são contabilizadas em nível nacional, o que resulta na recorrente falta de fomento no setor. “O que não tem registro, não existe”, argumentou a pró-reitora de Extensão, Sara Viola Rodrigues. Para a professora, à medida em que os usuários registrarem suas atividades no Sistema de Extensão e em seus currículos na plataforma Lattes, darão visibilidade junto às instâncias governamentais ao que é realizado nesta área.

Quanto aos projetos já cadastrados, o sistema automaticamente migrou os dados, mas vale lembrar aos usuários que eles devem conferir as informações e fazer as devidas correções, usando o recurso de recorte e colagem. “Ainda não é um sistema perfeito, mesmo que melhorado, por isso esperamos críticas

e sugestões,” diz a pró-reitora.

Reorganização e facilitação do uso foram as principais preocupações da comissão responsável pela implantação do novo sistema, de acordo com o professor do Instituto de Química Ricardo Baumhardt Neto, que presidiu os trabalhos. Durante o lançamento, ele expôs como acessar o sistema dentro da nova linguagem.

O processo compreende duas entradas básicas: a página da proposta e a do relatório de ação de extensão. Em ambas, os campos a serem preenchidos agora aparecem no lado direito da tela em ordem de acesso. Segundo o professor, no antigo sistema, havia reclamações quanto aos procedimentos, problema solucionado na nova formatação. Ricardo fez questão de comentar que o aperfeiçoamento do sistema pressupõe a interação do usuário através do rela-

to das dificuldades e dúvidas quanto ao uso, sinalizando possíveis erros de concepção e de informática.

De acordo com Helenara Roballo Ungaretti, técnica-administrativa e membro da comissão que elaborou a nova versão do sistema, a forma de acessar o programa continua a mesma, via Portal do Servidor. Apenas professores e técnicos com nível superior completo podem fazer o cadastro dos projetos e responder como coordenadores, embora estudantes e demais servidores possam participar das atividades extensionistas. Para aqueles que não conhecem como registrar projetos, mais informações podem ser obtidas no endereço [www.prorext.ufrgs.br](http://www.prorext.ufrgs.br). Em breve, será incluído no *site* da PROEXT um programa tutorial com o objetivo de auxiliar no registro das ações de extensão. (Jacira Cabral da Silveira)



# Faltam espaços de convivência nos campi

**Urbanismo**  
Reportagem revela que alunos, professores e técnicos carecem de locais de convívio para as horas de lazer

Jacira Cabral da Silveira

Quinta-feira, pouco depois das 10h da manhã, Juliana, Bruna e Paula aproveitam o intervalo de aula do curso de Letras para conversar, sentadas num tapeto de concreto sobre a grama em frente ao Bar do Antônio, no Campus do Vale. Os bancos no entorno são concorridos, pois estudantes de vários cursos convergem para o mesmo local.

“O bar, de fato, gera centralidade”, comenta o chefe do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Leandro Marino Vieira Andrade. Ao longo dos últimos 30 anos, ele acompanhou como estudantes, professores e técnicos apropriaram-se dos espaços, valorizando aqueles mais propícios ao convívio.

Um pouco mais adiante das três garotas, Frede Zimple, aluno do quinto semestre de Engenharia Química, está concentrado, estudando para uma prova. Também aproveita o sol e improvisa um banco, sentado em uma mureta de tijolos. Quando está totalmente de folga, fica com a “galeira”. Até pouco tempo atrás, jogava sinuca no Diretório Acadêmico, que agora está com as portas fechadas.

Mas o pior é quando chove. Bruna diz que os bares ficam lotados e a única saída é reunir-se nas salas de aula ou nos corredores dos prédios. Como todos ficam muitas horas no Campus, até mesmo as bibliotecas tornam-se pequenas nessas horas.

Lagartecendo ao sol sob uma estrutura de concreto, Estefane Graeff, do terceiro semestre de Engenharia de Produção, tem uma solução para o problema: “precisaria um lugar coberto, com uma boa área que proteja da chuva, mas sem tirar o sol e o vento”. Ele é interrompido pelo colega Bruno Rosa, que apóia a sugestão do amigo para a construção de um abrigo com estrutura aberta e transparente o suficiente para deixar passar o calor do sol.

Falta de projeto. É como Juliana explica a ausência de bancos e de áreas pensadas para os momentos de lazer na Universidade, em especial no Campus do Vale. “A única coisa projetada é o Jardim da Fertilidade. Tem até um negócio que dá para sentar”, ri com as colegas. Nos dias ensolarados, os alunos costumam improvisar sobre a grama uma mesa de piquenique na hora do almoço.

**Improvisado** – Sorte delas, talvez pensasse Mariah dos Santos, aluna do quinto semestre de Educação Física, que almoça todos os dias na ante-sala da biblioteca da ESEF. Por mais estranho que possa parecer, a imagem da estudante comendo de sua marmita sentada em uma cadeira no corredor é uma cena freqüente também em outros setores da Escola. Eva de Mello Cardoso, 27 anos, técnica-administra-



As estudantes de Letras Juliana, Bruna e Paula durante o intervalo no Campus do Vale

tiva na biblioteca, recentemente comprou com as colegas um microondas usado para aquecerem o almoço. Mas essa situação irá mudar quando ficar pronto o Restaurante Universitário, que deve estar concluído até o segundo semestre deste ano.

“Aqui se é muito solitário”, reclama Eva, lembrando que o Campus Olímpico não dispõe sequer de um bar. Ela, que já trabalhou no Campus Centro, sente falta da livraria, do cinema, da reitoria, enfim de algum lugar para encontrar as pessoas. Mariah concorda, pois também gostaria de um ambiente mais tranquilo e “com um sofazinho” para descansar. “O diretório está muito bagunçado.”

**Ponto de encontro** – No Diretório Acadêmico do Instituto de Psicologia, no Campus Saúde, Juliana Coutinho, Pedro Augusto Papini e Samuel Eggers, que cursam o terceiro semestre de Psicologia, estão no meio da produção do jornal do Diretório. Cheiro de café no ar e muita coisa espalhada pelo chão: “A gente mesmo é que limpa,” comenta orgulhoso, mas logo Samuel cai na risada ao olhar em volta. Eles dizem que não passariam suas horas de folga na Universidade em nenhum outro lugar. “O Diretório não é só um espaço acadêmico, mas de convívio,” argumenta Samuel.

Ele lamenta que estudantes de outros cursos acabem se desentendendo de seus colegas: “Tenho amigos da Engenharia entre os quais não vejo esse entrosamento”. É mais ou menos isso que os estudantes de Engenharia de Produção, Bruno Rosa e Estefane Graeff, comentaram a respeito da importância dos centros acadêmicos. Para eles, embora a falta de espaços de convívio seja comum aos campi, no Central é diferente. “Como lá é a nossa casa, a gente sempre tem a Engenharia e a Arquitetura para ficar”.

## Menos concreto, mais natureza

O professor de Urbanismo, Leandro Marino Vieira Andrade, há tempos lança um olhar curioso sobre as transformações que os espaços da UFRGS vêm sofrendo, quer pela apropriação das pessoas que os frequentam quer por planejamentos e projetos. Ao contrário de muitos estudantes, o arquiteto prefere retirar ao invés de colocar mais elementos nas áreas abertas dos campi, principalmente nos dois quarteirões que constituem o Campus Centro. Para ilustrar seu ponto de vista, sugere uma espiada pela janela do último andar do prédio da Faculdade de Educação. “Dali se pode observar a imensa superfície pavimentada e indiferenciada.” Ele trocaria tanto concreto por um pouco de natureza, de jardins ao longo dos caminhos, “e de um paisagismo que trouxesse um pouco mais de verde e de sombra natural”.

Leandro questiona a ocupação do pátio para estacionamento. “O carro tem o seu espaço garantido. E como

não há área para expansão, cada metro quadrado é supervalorizado para a apropriação coletiva. Mas grande parte desse espaço é destinada aos automóveis.” Mesmo sabendo que é quase impossível, o professor gostaria de ver essas áreas convertidas, gradativamente, em espaços de convívio e encontro. “Também adoraria ver retiradas as grades. Antes, entrava-se na UFRGS por todos os lados. Hoje, isso não é mais possível devido à insegurança.”

Historicamente, o Campus Centro constituiu-se a partir de um processo de agregação de edifícios: “Não dá para falar em um princípio claro de ordenamento”, comenta o professor. O que não quer dizer que, em algum momento dessa história, não se tenha pensado esse espaço no seu todo – os prédios e seu entorno. Como exemplo, cita o projeto que resultou no atual “desenho do campus”. É o que ele define como eixo, que compreende o trecho que vai da entrada ao lado dos prédios da Faculdade de Arquitetura e da Rádio da Universidade, pela rua

Sarmento Leite, até a reitoria e o Salão de Atos.

Na avaliação do arquiteto, o desenho paisagístico desse eixo reconheceu primeiramente a seqüência dos três bares (da Arquitetura, da Educação e da Filosofia) como um elemento gerador de centralidade. “É ao longo desse trecho que acontecem as coisas. São os espaços mais disputados num dia de verão. Esse eixo pavimentado foi organizado com a construção de bancos de pedras e mesas, gerando pequenas centralidades.”

Já no Campus do Vale, existe um projeto global que privilegiou os prédios, relegando ao segundo plano as áreas nos arredores. “É um plano com características ligadas ao pensamento arquitetônico urbanístico modernista, numa composição de edifícios que gera um determinado tipo de espaço de entorno, eventualmente definido.” Ou seja, não prevê claramente lugares externos para os frequentadores do local. O foco está nos espaços produtivos dos prédios, sem atentar para as horas de ócio.

Conforme Leandro, essa concepção modernista se repete no Campus Saúde, onde foram construídos grandes edifícios soltos no terreno, sem um princípio que os articule. “Um espaço que deveria ser mais contínuo vai se fragmentando, criando espaços residuais. São gramados que não têm nenhuma destinação clara.” Já, o Campus Olímpico, agrada o arquiteto: “A forma como os edifícios estão distribuídos, o passeio coberto unindo determinados prédios, a distância entre as construções. Talvez seja o espaço mais bem calibrado”, observa. Mas quando fica sabendo da história de Mariah, a estudante de Educação Física que almoça de marmita na ante-sala da biblioteca, comenta: “O bar de fato gera centralidade”.



Estacionamento ocupa o espaço que poderia ser usado para o lazer

JACIRA CABRAL DA SILVEIRA

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

# Especial

SOPHIE RAGLIET/PROIECO CONTATO

## História

No campo político, a década que mudou o mundo deixou muitas promessas e poucos resultados

TEXTO ÂNIA CHALA



Protesto de jovens em Paris em 2008, à esq. Abaixo, assembléia estudantil na UFRGS decide ocupar o prédio da Filosofia em 1968



AGÊNCIA MUSEU DA UFRGS/ARQUIVO CORREIO DO POU

# 68 Ecos de uma derrota cultuada

O ano que nunca terminou, o ano das muitas primaveras, o ano da revolução que mudou o mundo: assim cada aniversário do maio de 68 foi batizado por aqueles que refletiram sobre os acontecimentos que agitaram vários países no fim da década de 60. Fixado no imaginário coletivo como uma época em que tudo era possível, ainda hoje exerce um fascínio sobre as novas gerações, capaz de deixar muitos jovens frustrados por não terem nascido naquele período. Em seu quadragésimo aniversário, é hora de pensar o significado histórico e político daqueles protestos, fazendo uma análise do contexto que os produziu e questionando até que ponto muito das conquistas que hoje celebramos foram vencidas pela hegemonia do pensamento neoliberal.

Para o professor do Departamento de História da UFRGS, Enrique Padrós, 68 não pode ser resumido a um mês ou a um ano. “Na França, foi um processo de certa maneira curto; no Brasil, o ano está relacionado à possibilidade de encerrar a ditadura, mas termina com o AI-5; na Argentina, a agitação se dá em 67 e 69; e nos Estados Unidos, é toda uma década de protestos.”

Conforme o historiador, é preciso ver 68 dentro de um processo histórico, já que naquele momento a urbanização está se consolidando em vários países. A geração dos *baby boomers* nascidos no período do pós-guerra, a primeira a ir maciçamente para o secundário e daí para a universidade, possuía uma capacidade crítica que nenhuma outra teve anteriormente. “O que não tinha a ver, necessariamente, com politização”, ressalta o pesquisador, lembrando que o acesso aos bens sociais fornecidos pelo Estado de Bem-estar tornou a situação daqueles jovens muito melhor do que a de seus pais e avós. Na Europa, duas gerações haviam sido completamente perdidas pela guerra e pela necessidade da sobrevivência.

No entanto, os jovens também tinham uma percepção muito crítica do quanto faltava para que esse bem-estar atingisse a todos os que estavam fora dessa grande rede. “A juventude percebeu que, por trás do discurso da democracia, a realidade ainda apresentava problemas muito sérios. Havia um processo brutal de massificação e de desumanização do ensino nos níveis secundário e uni-

versitário, aliado à falta de democracia interna em todas as estruturas”, explica Enrique.

**América Latina** – Em quase todos os países, 68 foi um ano de crítica ao stalinismo. “Toda a Europa denunciava a burocratização da União Soviética. E não podemos esquecer que, naquele ano, ocorreu a Primavera de Praga”, lembra o historiador.

Na América Latina, ditaduras estavam sendo implantadas em nome da democracia para afastar o perigo do comunismo, num processo de cerceamento da liberdade para justificar determinado projeto econômico e político.

No Uruguai e no Chile, já estava presente o fantasma dos futuros golpes. Enrique Padrós diz que, no começo dos anos 60, uma grande crise marginalizou setores importantes de trabalhadores uruguaios, cuja economia, baseada em dois ou três produtos de exportação, havia entrado em declínio. Houve manifestações de estudantes e operários, e movimentos golpistas de extrema direita nos quartéis. “Em 68, não havia ditadura no Uruguai, mas o presidente Jorge Pa-

checo Arecco desencadeou medidas muito duras para reprimir trabalhadores e estudantes. Quando ocorrem os primeiros confrontos com os grupos armados de esquerda, tem início uma espiral de violência que assume uma dinâmica própria. Nesse cenário é que surgem os tupamaros”, esclarece, alertando para o fato de que alguns historiadores consideram 68 como o início do golpe de estado que será concretizado em 1973.

Na sua opinião, a democracia uruguaia foi pressionada política, diplomática e economicamente pela nossa ditadura em função de que os exilados brasileiros tinham um amplo espaço de atuação política naquele país.

**Brasil** – No campo político, o legado imediato de 68 em nosso país está associado aos anos de chumbo, com o recrudescimento do regime ditatorial instaurado quatro anos antes. “Foi então que, parte da gurizada que protestava nas ruas optou pelas armas. Hoje, alguns os consideram inconseqüentes e irresponsáveis, culpando-os pela violência de Estado que veio depois. Mas, de modo geral, os

que aderiram à luta armada ficaram sem opção, pois estavam mobilizados pelo fim da ditadura, quando foram jogados na ilegalidade completa pela edição do AI-5”, diz o professor.

Ele lembra que os anos de chumbo, associados à destruição e à censura, são também anos de milagre econômico para a classe média. Anestesiada pela possibilidade de acesso a um determinado conjunto de bens de consumo, ela e boa parte da população pobre não percebia a ditadura como tal. “Apesar disso, no final dos anos 70 há uma retomada: o surgimento do PT, a formação da CUT, o movimento dos sem-terra e a teologia da libertação são elementos importantes de mobilização e de reconstrução que expressam uma demanda reprimida.”

Para Enrique, o final da ditadura brasileira trouxe a expectativa de mudança no plano político e econômico-social. Embora a mudança política tenha se concretizado, no plano social as coisas não mudaram. “Hoje estamos com praticamente 20 anos de neoliberalismo, e o atual governo não deu nenhuma guinada econômica, embora tenha preocupações sociais saudáveis.”

## Vietnã Uma guerra que mobilizou o mundo

Para boa parte dos historiadores, o grande pano de fundo da década de 60 foi a guerra do Vietnã. De acordo com Enrique Padrós, mesmo que a explicação da luta ideológica pudesse convencer a opinião pública de que os interesses do Ocidente estavam sendo ameaçados, o uso de todo o tipo de armamento pelo exército americano gerou um questionamento quanto ao que os Estados Unidos faziam por lá. Ao mesmo tempo, a cobertura massiva da imprensa acabou

sendo um paradigma do que não se pode permitir mostrar em tempo real. A exibição das imagens de camponeses sendo mortos causou uma reação mundial. “Hoje, quando pensamos nos motivos que levaram os norte-americanos a perderem aquela guerra, é preciso considerar primeiro a resistência dos vietnamitas. Mas se não tivesse havido uma crescente oposição interna contrária à intervenção na região, provavelmente a guerra se estenderia por mais tempo.”

Segundo o historiador, nos Estados Unidos 1968 se estendeu por toda a década. Além da tentativa fracassada de invasão da Baía dos Porcos em Cuba, em 61, e da crise dos mísseis soviéticos, em 62, desde o início dos anos 60, o movimento negro norte-americano mobilizava-se contra a discriminação e era profundamente perseguido. “Havia desde posições mais ou menos reformistas, como a de Martin Luther King, que liderava um movimento pelos direitos civis

pacifista, até o radicalismo de Malcom X e dos panteras negras.” Em 68, esse grupo desencadeou um boicote ao Vietnã, pedindo aos soldados negros que promovessem atentados contra os oficiais norte-americanos. Grupos brancos radicais pediram a mesma coisa aos jovens brancos que fossem convocados para a guerra. O movimento estudantil, não contaminado pelo discurso patriótico, também começou a boicotar o conflito. Com isso, estabeleceu-se uma relação de so-

lidariedade entre os vietnamitas e as populações que sofriam discriminação nos Estados Unidos.

Na opinião de Enrique, tudo está relacionado ao movimento *hippie* e à contracultura. “Muito dizem que os *hippies* eram alienados, mas a queima da carta de convocação era um ato político. Um caso emblemático foi o do campeão mundial de boxe Mohamed Ali, que perdeu as medalhas conquistadas na Olimpíada e acabou preso, porque se recusou a lutar no Vietnã.”



“Aprendemos, mas parece que repetimos os mesmos erros”

# Paris

## Cronologia de uma revolta

O professor do Instituto de Letras da UFRGS, Robert Ponge, vive no Brasil há mais de 30 anos. Durante o maio de 68, estava em Londres, lecionando língua e literatura francesas numa escola secundária. Ele faz um relato da seqüência de fatos daquele momento histórico, acrescentando sua avaliação sobre as vitórias e derrotas do movimento de contestação que sacudiu seu país natal: “A explosão de maio foi provocada pelo governo do general De Gaulle que, desde 1963, vinha aplicando um plano de estabilização que retirava conquistas sociais de trabalhadores. Houve um protesto no pátio central da Universidade de Paris, reprimido com invasão e ocupação policial do prédio e a prisão dos manifestantes. A medida suscitou imediatas e imprevistas passeatas. E o governo, mais uma vez, optou pelo confronto.”

Quando o professor retornou à França, em junho daquele ano, ainda havia greves em andamento. “Minha faculdade, que era a de Letras e Ciências Humanas, tinha cerca de 30 mil estudantes. A universidade se assemelhava a uma fábrica.” Os estudantes reivindicavam mais vagas para professores e novos prédios, em assembléias gerais que reuniam mais de cinco mil pessoas. Finalmente, às vésperas do início do ano letivo em outubro, quase todas as reivindicações foram atendidas e as greves cessaram.

Como historiador, Robert realizou pesquisas posteriores, escrevendo livros e artigos sobre o movimento na França. Ele lembra que o governo de De Gaulle pretendia, entre outras coisas, reduzir o acesso à universidade, diminuir a quantidade de docentes e implantar o ensino pago. Inicialmente, a resistência estudantil foi limitada, até que no campus de Nanterre, que ficava na periferia de Paris, houve uma série de manifestações. Para impedir os protestos, o reitor chamou a polícia e decidiu fechar o campus. “Isso ocorreu num país em que havia liberdade de expressão. Quando o contingente policial cruzou a cidade de Paris carregando estudantes presos, houve uma comoção da população, pois a última vez em que a universidade havia sido fechada fora durante a ocupação nazista. Isso gerou uma passeata relâmpago, mais protestos, mais repressão, mais violência e chocou os parisienses.”

Os protestos se sucederam até que foram erguidas barricadas e a população começou a aderir ao movimento. Robert conta que muitos não participavam das passeatas, mas jogavam objetos nos policiais e davam abrigo aos manifestantes em suas casas. “No início, o movimento sindical e os partidos de oposição mantiveram uma posição de distância, considerando que aquilo era obra de estudantes bagunceiros. Porém, a intensidade das mobilizações e a selvageria da

repressão obrigaram-nos a mudar de posição. Foi nesse momento que o governo recuou, achando que assim conseguiria por fim à revolta.”

Em 13 de maio, já com o governo tendo voltado atrás nas punições à universidade ocorreu a maior passeata da história da França, desde as manifestações que haviam marcado o fim da Segunda Guerra Mundial. No dia seguinte, começou uma série de greves nas fábricas, sem que as centrais sindicais tivessem convocado qualquer protesto. “Essas paralisações partiram das bases, se espalhando como uma avalanche. Entre as reivindicações dos grevistas estavam: jornada de 40 horas semanais sem redução salarial, aposentadoria aos 60 anos e revogação dos decretos-lei prejudiciais ao sistema público de saúde e previdência.” Qualquer semelhança com o que se vê hoje em dia, observa Robert, não é mera coincidência.

Em 30 de maio, o general De Gaulle discursou dizendo que não demitiria o primeiro ministro e convocou eleições gerais, que seriam realizadas se a greve geral terminasse. Isso foi fundamental para uma mudança de curso. As eleições gerais ocorreram no final de junho.”

Conforme o professor, quando De Gaulle convocou eleições, as centrais sindicais de oposição e os partidos políticos começaram a trabalhar para que a greve refluísse, buscando garantir o jogo eleitoral. “Foi um processo demorado, mas eles conseguiram. Quando ocorreram as eleições, o grande vencedor foi o partido do governo.” A vitória, na opinião do historiador, pode ser explicada pela frase de um estudioso do movimento sindical francês: “Doravante reivindicações sociais e atividade partidária vão se distanciar.”

Robert Ponge avalia que, embora muitas reivindicações tenham sido atendidas, houve um gosto de amargura no final, porque o alcance das mudanças poderia ter sido muito maior. “Com o tempo, o governo voltaria a atacar os direitos dos trabalhadores, como vem fazendo até hoje. Não digo que houve uma derrota estrondosa, mas a vitória foi relativa, porque o que foi dado pode ser retomado.”

“Não digo que houve uma derrota estrondosa, mas a vitória foi relativa, porque o que foi dado pode ser retomado”  
Robert Ponge



Março de 68: estudantes fazem passeata na Av. Borges de Medeiros

ACERVO MUSEU DA UFRGS/ARQUIVO CORREIO DO POVO

## O legado de 68

Apesar de a revolução sexual ser lembrada como o grande acontecimento da década de 60, ela não mudou muito a vida das pessoas naquele momento. “Talvez nos *campi* universitários, onde havia maior liberdade e, sobretudo, maior tentativa de provocação contra a autoridade”, explica o professor do Departamento de História Enrique Padrés. Essa crítica à autoridade implicava em contestar permanentemente a instituição familiar, o professor e o reitor, a polícia, os empresários e os donos das corporações midiáticas.

Para ele, o legado mais positivo de 68 estava em aspectos culturais e comportamentais e no questionamento de uma autoridade sufocante, numa época em que se falava muito em democracia. Outro ponto que o professor considera fundamental é a idéia de solidariedade, a visão de que era possível transformar

a realidade a partir de nossa atuação. “Havia o ideal de um mundo mais justo, no qual as pessoas assumiam o protagonismo da História. Depois, tivemos as ditaduras e o neoliberalismo.”

Nessa perspectiva, Enrique acredita que quase tudo ainda está por ser feito. “Por isso dizemos que 68 terminou com uma derrota, embora os alertas lançados naquele momento estejam cada vez mais vigentes: as questões ambientais, o autoritarismo, a falta de controle internacional sobre certos agentes que tomam atitudes sem respeitar nada. O 68 denunciou a intolerância em alguns países, mas ela continua, mesmo que em menor grau. Agora, na Europa, temos preconceito em relação aos imigrantes que vão para lá trabalhar. No Oriente Médio, temos a guerra no Iraque. Aprendemos, mas parece que repetimos os mesmos erros.”



Junho de 68: mobilização junto à Filosofia da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS/ARQUIVO CORREIO DO POVO

## Elite liberada

A socióloga e professora da Faculdade de Educação da UFRGS, Arabela Campos Oliven, cursava o mestrado na Inglaterra em 1969, na Universidade de Essex. Por conta do sistema universitário inglês, que sempre teve uma marca elitista muito grande, o maio de 68 teve pouca repercussão entre os estudantes. “A expansão do ensino superior daquele país foi muito controlada. Além disso, a própria arquitetura dos *campi* ingleses era completamente distinta da universidade francesa. O campus da universidade onde estudei, por exemplo, ficava a uma hora de Londres, numa localidade pequena e isolada.”

Arabela também ressalta que, na época, boa parte do contingente de estudantes universitários era oriunda das ex-colônias inglesas. “A experiência de chegar naquele campus repleto de jovens me pareceu deslumbrante. Depois, acabei percebendo que aquilo era artificial, quase como um ‘gueto acadêmico’ e que vivíamos isolados do restante das pessoas. No campus havia tudo: dormitórios, refeitórios, cafeterias, lavanderia, banco, biblioteca, praças. Com o tempo, isso se revelava meio neurotizante”, relata a socióloga.

Enquanto nas universidades americanas os alojamentos de moças e rapazes ainda eram separados, o projeto arquitetônico de Essex previa alojamentos de uso comum. “Não havia qualquer tipo de controle e podia-se receber quem quisesse nos dormitórios. Tudo era muito sem regras. O problema é que havia muita droga”, lembra a professora. Por outro lado, ela avalia que essa liberdade demonstrava que havia confiança de que os jovens podiam ter autonomia sem a supervisão dos mais velhos.

Arabela recorda que, por ocasião da visita de uma autoridade política na Universidade de Essex, os estudantes fizeram protestos contra as aplicações de capital da universidade em ações das minas na África do Sul. “Para os estudantes, mais importante do que os interesses financeiros da universidade eram os seus compromissos éticos. Era inadmissível dar suporte econômico a um regime político que impunha a segregação racial, mesmo que o montante de dinheiro aplicado fosse relativamente inexpressivo para a economia sul-africana. O que estava em jogo era o caráter simbólico do gesto. Acho que essa manifestação tem a ver com o espírito de maio de 68.”

Ao referir-se à situação das universidades brasileiras em 68, ela recorda que, naquele ano, o problema dos excedentes (jovens que, mesmo aprovados nos exames de ingresso para a universidade, não encontravam vagas) foi resolvido pelos militares com uma reforma universitária, que criou o vestibular e modernizou o sistema de ensino superior do país. “Mas essa reforma foi feita dentro de uma visão conservadora, enquanto os congressos da UNE inspiravam-se nos movimentos da reforma universitária de Córdoba, ocorrida em 1918. Para os estudantes, o importante era que fossem feitas reformas de base na universidade e também na sociedade”, conclui a professora.



# A difícil análise de uma região distante

## Política

*A causa do Tibete ganha espaço na mídia, mas há controvérsia na avaliação do que ocorre por lá*

Jacira Cabral da Silveira

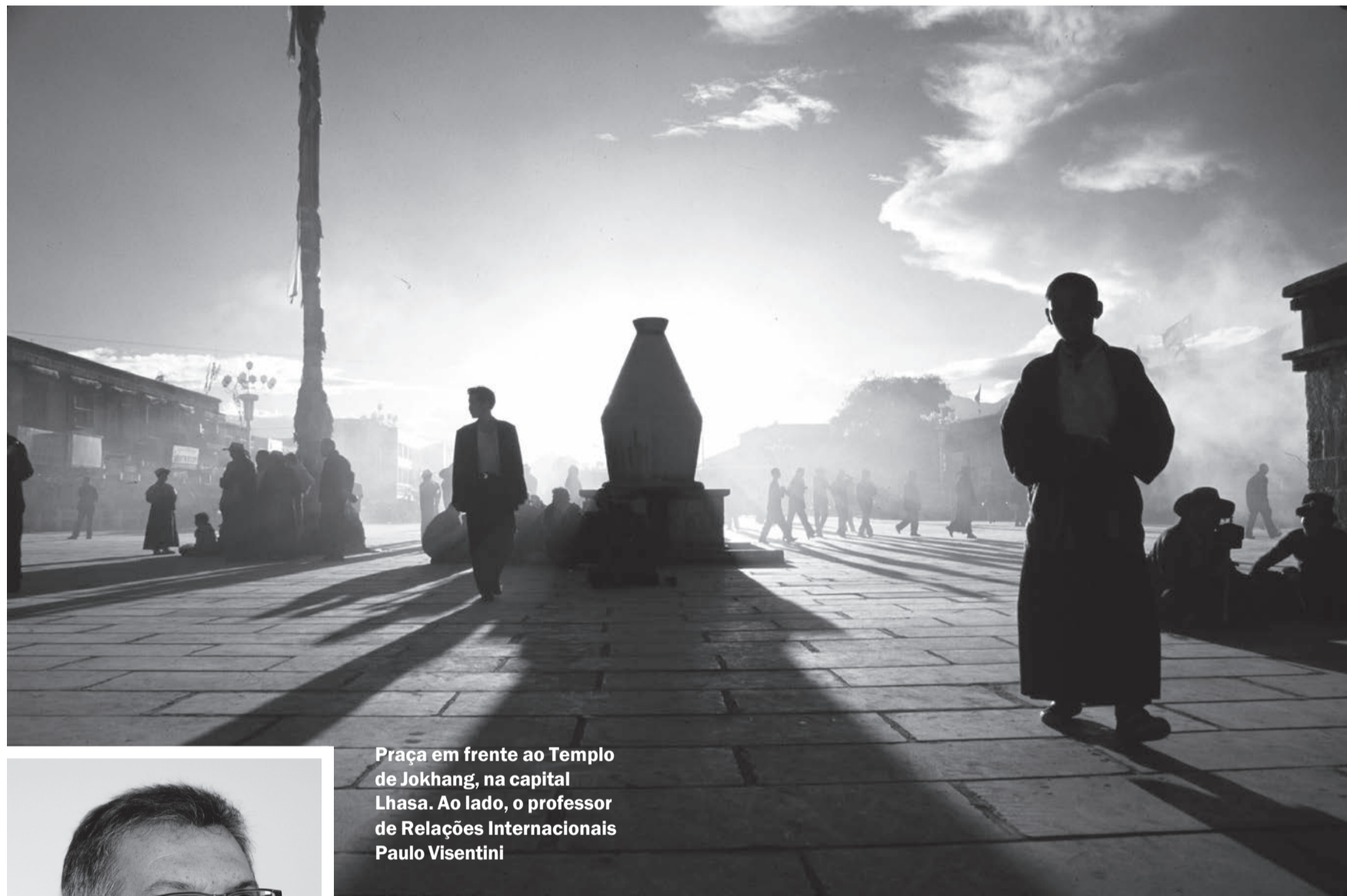
Além de sinalizar a proximidade dos jogos que ocorrerão em agosto na China, a tocha olímpica deu visibilidade a manifestações contra a repressão chinesa aos tibetanos. Os protestos no Tibete tiveram início no dia 10 de março, como reação à notícia sobre monges budistas presos por realizarem passeata para marcar os 49 anos de um levante tibetano contra o domínio chinês.

As portas de exibir-se ao mundo como potência mundial, durante a realização dos XXIX Jogos Olímpicos de Pequim, a China enfrentou a maior onda de protestos dos últimos anos. Lideranças internacionais têm se manifestado contra a falta de informação, pois não é permitida a presença de jornalistas no Tibete. Os dados são contraditórios: tibetanos no exílio contabilizam 99 mortos entre os manifestantes, enquanto o governo chinês afirma que foram 13 mortos em Lhasa.

Em nota à imprensa, oito dias após os conflitos, o líder religioso do Tibete, Dalai Lama, agradeceu a preocupação da comunidade internacional com relação aos eventos recentes em seu país. "Acredito que as demonstrações e protestos que ocorrem agora no Tibete são uma explosão espontânea do ressentimento popular acumulado por anos de repressão em reação a autoridades que são cegas aos sentimentos do povo local. Elas erroneamente acreditam que mais medidas repressivas são o caminho para conquistar seu objetivo declarado de unidade e estabilidade a longo prazo. De nossa parte, permanecemos comprometidos em seguir a abordagem do Caminho do Meio e buscar um processo de diálogo a fim de encontrar uma solução mutuamente benéfica para a questão tibetana."

Para o professor de Relações Internacionais da UFRGS, Paulo Fagundes Visentini, o problema começou com as manifestações violentas contra as pessoas de etnia chinesa que moram em Lhasa. Segundo ele, até os anos 90, não havia muitos chineses na região, porque o Tibete era essencialmente agrícola e pastoril e não havia terra disponível. A chegada do desenvolvimento econômico provocou maior urbanização e a criação de serviços e indústrias, gerando o fenômeno da migração para as cidades. Considerando esse contexto, Visentini avalia que o tempo trabalha contra o Dalai Lama. A entrevista a seguir fundamenta seu ponto de vista e amplia a questão.

**Jornal da Universidade – O que originou a atual crise política na China?**  
**Paulo Visentini** – Devemos abordar a questão no seu contexto (gerando mais luz e menos calor) e ver o que aconteceu antes. Ninguém comemora 49 anos por nada. A comemoração parece ter o objetivo de constri-  
 governo chinês nesse momento em que o mundo o observa. Assim, não se pode começar a análise da questão do Tibete em 1950, porque é uma relação milenar, nem deixar de mencionar o que era a sociedade tibetana antes do período moderno. Esse fato específico de agora tem a ver com uma recente viagem do Dalai Lama em 2007 a Taiwan, onde conversou com o então presidente daquele país, que é separatista, e seu candidato, que estava em inferioridade nas pesquisas eleitorais. Depois esteve nos Estados Unidos e no Canadá. Há também a questão das Olimpíadas. E não é nova a estratégia de mobilizar monges com finalidades políticas. Há alguns meses, houve a mesma coisa contra o regime militar da Birmânia. É interessante se considerarmos que o budismo é uma religião não envolvida politicamente. Isso nos leva a crer que exista uma conexão forte entre esses movimentos e a política das grandes potências com relação aos países asiáticos. As manifestações tiveram o *timing* perfeito para coincidir com as eleições de Taiwan e, evidentemente, o candidato separatista levantou essa bandeira: "Não podemos nos tornar um novo Tibete". O outro candidato queria aproximação com a China com foco nas questões econômicas, já que Taiwan não passa por um bom momento econômico.



Praca em frente ao Templo de Jokhang, na capital Lhasa. Ao lado, o professor de Relações Internacionais Paulo Visentini



CADINHO ANDRADE

**JU – Como o senhor analisa a questão da independência do Tibete requisitada pelo Dalai Lama?**  
**PV** – O Tibete foi um reino independente na Idade Média, e a China

estabeleceu com os povos vizinhos uma relação de Estados Tributários. Um tributo simbólico, porque essas regiões eram muito pobres e o Império chinês mais dava do que recebia. O que desejava receber era uma certa integração ao universo confuciano, além de segurança em suas fronteiras, freqüentemente atacadas por grupos nômades. Havia então uma política de casamento entre as elites chinesas e a desses países. Quando a China tornou-se uma república, houve um recuo muito grande, e uma anarquia imensa. Cada província, praticamente, teve o seu senhor da guerra (general e governador), controlando tropas e dominando a situação. Tanto o Tibete quanto outras regiões ficaram meio soltas, pois o governo central estava fraco. Em 1949, quando o Partido Comunista venceu a guerra civil, criou-se um problema para essa elite teocrática. O Tibete era um estado feudal em que existia escravidão e servidão, inclusive com uma exploração violenta. Como o excedente econômico era pequeno para manter a elite civil de nobres e a elite religiosa dos lamas, foi necessário manter os camponeses num nível de pobreza extrema. Lamentavelmente, a gente não vê as pessoas fazendo essa análise, mas basta pegar um livro de história para ver como se vivia. Nenhuma nação, durante esse período de anarquia, reconheceu o Tibete como um país independente. Ele nunca o foi de fato na era moderna. A elite tibetana ficou com medo de que houvesse uma transformação da sociedade local pelo Partido Comunista. Eles queriam evitar o comunismo, não a China propriamente dita. Em 1951, o exército chinês retomou o território e fez um acordo com a elite: Pequim mantinha a soberania (fronteiras e segurança), enquanto a elite local conservava seus privilégios intactos. Em 1959, promoveu-se a reforma agrária e a abolição da servidão; o Dalai liderou uma revolta e, derrotado, exilou-se em Dharamsala, no norte da Índia com seus seguidores.

**JU – O que o Dalai Lama representa para o povo tibetano?**

**PV** – Ele é o líder de uma teocracia exilada. É, teoricamente, um "deus vivo", o que no século XXI parece absurdo, e deseja recuperar o poder que tinha. Hoje, o Tibete tem um governador tibetano e um dirigente religioso "substituto", ambos designados por Pequim. Embora os tibetanos exilados não reconheçam o líder indicado pela China, o Dalai Lama só consegue ter novamente interlocução quando levanta a bandeira do separatismo. Creio que haverá alguma negociação para que ele possa retornar. A liberdade religiosa existe na China, mas com um controle muito grande na politização da religião. Embora o catolicismo seja tolerado, há problemas pela nomeação dos bispos ser feita por uma autoridade de fora, no caso, o Papa. O que perturba o Dalai Lama hoje é a evolução do povo que está no Tibete. É uma população pequena: são dois milhões e meio de pessoas (num país de 1,3 bilhões) que ocupa uma vastidão imensa. Só que o desenvolvimento econômico está chegando lá, e as pessoas estão começando a comprar celular, televisão e outros objetos da modernidade. Com isso, talvez já não estejam dispostas a aceitar a idéia de que alguém é um deus vivo e uma autoridade do tipo feudal. Parece-me que, para o Dalai Lama, o tempo trabalha contra ele. Ou seja, a modernização do Tibete talvez o assuste.

**JU – Por que a China não permite a presença da imprensa em Lhasa?**

**PV** – O Tibete é muito visitado, com ampla presença de jornalistas. O que houve naquele momento da rebelião foi o temor de ver a capitalização, pelos manifestantes, de uma imprensa simpática a eles, e o governo restringiu, temporariamente, o acesso. Aliás, a postura da CNN e de outras redes indignou os chineses, unindo-os numa atitude nacionalista pelo mundo afora, como se viu até nos Estados Unidos.

## Cronologia Tibete-China

1642 O Dalai Lama assume o poder, graças ao apoio dos mongóis.

1720-1792 Dirigentes tibetanos pedem apoio à China para expulsar mongóis e nepaleses.

1904 O Reino Unido, que ocupava parte da China, reconhece a soberania do Tibete.

1914 Acordo assinado por britânicos, chineses e tibetanos é descumprido pela China.

1950 Invasão de Lhasa (capital tibetana) por tropas chinesas.

1959 Levante contra a ocupação chinesa, com milhares de vítimas. O Dalai Lama foge para a Índia.

1965 Pequim cria a "Região Autônoma do Tibete".

1966/76 Revolução Cultural Chinesa: mosteiros destruídos e religiosos perseguidos.

1979 e 1984 O Dalai Lama é autorizado a enviar quatro missões de sondagem ao Tibete. Paralelamente, delegações políticas tibetanas encontram-se em Pequim.

8 de março de 1989 Depois de três dias de levantes anti-chineses, Beijim impõe a lei marcial em Lhasa. Em outubro, o Dalai Lama recebe o Nobel da Paz.

2002/03 Retomada do diálogo informal.

2004 Beijim publica um Livro Branco sobre "a modernização do Tibete", que denuncia "o Dalai Lama e sua gangue".

(Fonte: Le Monde Diplomatique Brasil - [dipl.uol.com.br](http://dipl.uol.com.br))



# Natalidade em queda

**Comportamento**  
*Redução no número de nascimentos no HCPA atesta desaceleração do crescimento populacional*

“Filho é responsabilidade. Quando a gente decide ter, precisa poder criar bem depois”. É com esta frase que a zeladora Simone Soares, 26 anos, resume os motivos pelos quais decidiu não ter mais de dois filhos. Ela já é mãe de Matheus, de oito anos, e no dia 15 de abril teve o parto de Thiago, no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Depois do nascimento do caçula, Simone pretende fazer laqueadura, um método definitivo de contracepção.

Ela é um exemplo da tendência constatada pela Síntese de Indicadores Sociais 2007, publicada pelo IBGE, cujos dados indicaram que as mulheres brasileiras têm em média dois filhos ao longo de sua vida reprodutiva. Seu caso também evidencia uma realidade que há alguns anos vem sendo percebida no HCPA: a natalidade está em queda.

Em 2004, o número de nascimentos no hospital foi de 4.504. Esta soma caiu para 3.585 em 2007, o que significa uma redução de 14,5%. Segundo o médico do HCPA e professor da Faculdade de Medicina da UFRGS, José Geraldo Lopes Ramos, o decréscimo no número de nascimentos foi percebido pela equipe do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia, através de uma contagem usualmente feita no setor.

A diminuição do número de nascimentos pode ter ocorrido por diversos motivos. Para a coordenadora do Centro de Obstetrícia do HCPA e também docente da Faculdade de Medicina, Solange Accetta, “por ser um hospital universitário e dar um atendimento em alguns aspectos diferenciado, o hospital era muito procurado”, o que mantinha os níveis de nascimentos elevados. Isso mudou com a ampliação do número de centros de saúde na rede básica do município, fato que “descentraliza o nascimento dos grandes hospitais e deixa a paciente mais perto da sua comunidade”, como explica José Geraldo.

Distribuir os atendimentos foi um fator determinante, mas não o único. A queda da natalidade no HCPA

acompanha uma tendência nacional e estadual. A quantidade de nascimentos no Rio Grande do Sul vem diminuindo há muito tempo, embalada pela desaceleração do crescimento da população brasileira, verificada desde a década de 70. Somente entre os anos 2000 e 2006, os nascimentos no estado caíram de 175,6 mil para 141,3 mil por ano, segundo o Sistema de Informações Sobre Nascidos Vivos do Rio Grande do Sul (SINASC/RS) de 2006.

De acordo com a professora Lorena Holzmann, especialista em demografia e titular do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS, este processo é decorrente da gradativa mudança na pirâmide etária brasileira. “A população está envelhecendo e o estoque de mulheres em idade de reproduzir está diminuindo. Além de terem menos filhos, elas também são uma presença menor”.

Apesar da queda da natalidade não ser uma novidade, sua redução no Clínicas, um hospital com cerca de 98% de atendimentos obstétricos feitos pelo SUS, traz à luz uma nova realidade: as mulheres de baixa renda também estão diminuindo o número de filhos. “Parece que ocorreu uma melhoria no acesso da população de baixo poder aquisitivo ao SUS, e essas pessoas têm conseguido planejar melhor suas famílias nos últimos anos”, constata José Geraldo.

Para o médico, a diminuição da natalidade entre os gaúchos ainda está dentro das necessidades da sociedade, pois “percebemos um número de nascimentos maior do que temos capacidade de administrar, fornecendo um bom atendimento de saúde”. Porém, ele acredita que é preciso atentar para que este declínio não seja excessivo. “A população não pode continuar diminuindo sempre, mas o momento ideal para estagnar é difícil de precisar”, salienta.

A dificuldade deste cálculo está, de acordo com Lorena, no fato que a redução no número de nascimentos hoje terá maior impacto somente quando esta geração começar a participar ativamente do cenário econômico do país. “A prova é que sentimos atualmente a diminuição da natalidade em décadas anteriores. É cumulativo, é todo um processo”, explica. Contudo, estudar os dados agora é fundamental para que haja um planejamento das políticas públicas para o futuro.

**Calcanhar-de-Aquiles** – Conforme José Geraldo Lopes Ramos, passamos do patamar em que o problema era conscientizar mulheres adultas que



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

já têm seus filhos e ainda querem ter mais. Para ele, “diminuir a incidência de gestações na adolescência é o nosso desafio”.

Apesar da participação das adolescentes na natalidade no Rio Grande do Sul estar em declínio, a porcentagem destas mães ainda é elevada. De acordo com o SINASC 2006, no ano 2000 este número era de 20,3% - o que significava que a cada 10 mães, 2,03 tinham menos de 19 anos no estado. Em 2006, esta participação caiu para 18,4%.

No HCPA, o cenário acompanha esta tendência. Em 2004, 20,3% das

mulheres que tiveram seus filhos no hospital eram adolescentes. No ano passado, este percentual foi de 18,6%. Para a médica Solange Accetta, programas de planejamento familiar voltados para adolescentes deveriam ser priorizados, já que é nesta fase da vida em que se consolidam as bases para o futuro profissional. “Se é nesta faixa etária em que uma gravidez indesejada é mais prejudicial, é aí que devemos investir. Este é o nosso calcanhar-de-Aquiles”.

**Débora Gastal, estudante do 7º semestre de Jornalismo da Fabico**

## Felizes e sem filhos

“A questão é que eu penso muito. Quanto tu deixas a razão dominar, é mais difícil tomar a atitude de colocar um filho neste mundo. Fui covarde e corajosa ao mesmo tempo. Houve um período em que vi muitas colegas engravidarem, o que não foi algo traumático. Sei que há uma série de experiências das quais abri mão, mas isso não me frustra. Por outro lado, tive a oportunidade de viver outras situações. Acredito que essa opção é legal quando bem pensada e fruto de um acordo comum.” (45 anos, casada há 20 anos)

“Desde os 15 ou 16 anos eu decidi não ter filhos. Acho que nem todas as mulheres têm instinto de maternidade. E eu, com certeza, não tenho. Certa vez, estava conversando com uma senhora, e disse que não tinha filhos. Ela me respondeu: ‘mas que egoísta!’. Acho que pode até ser egoísmo, mas é uma opção de cada um e que não prejudica ninguém. A gente leva uma vida muito mais tranquila sem filhos. A vida é curta, se eu posso viajar e aproveitá-la com o meu marido, é válido.” (54 anos, casada há 20 anos)

## Contracepção Planejar é preciso

Através da lei 9.263, de 12 de janeiro de 1996, o planejamento familiar foi instituído como política pública no Brasil. Informação, orientação e disponibilização de métodos contraceptivos e tratamentos de fertilidade na rede básica de saúde são as ferramentas previstas para dar aos casais brasileiros a chance de planejar melhor suas vidas conjugais.

A lei da municipalização da saúde deixa às cidades a responsabilidade de administrar as unidades básicas e os postos de saúde da família. É nestes

locais, próximos à comunidade, onde as ações de planejamento familiar em geral são desenvolvidas. Em Porto Alegre, existem cerca de 150 unidades como essas, que “auxiliam mulheres e homens que queiram fazer alguma ação em sua saúde sexual ou reprodutiva”, como explica Luciane Rampantelli, médica ginecologista e coordenadora da equipe de Saúde da Mulher da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. Os pacientes são atendidos em consultas individuais, mas, segundo ela, também têm a oportuni-

dade de participar de oficinas, palestras e outras atividades.

Somente no ano passado, sem contabilizar os dados do mês de dezembro, foram efetuadas 2.125 laqueaduras e 974 vasectomias na capital gaúcha. O número de métodos contraceptivos definitivos foi superado pelos temporários. Em 2007, 1.447 dispositivos intra-uterinos foram colocados, 5,1 mil preservativos femininos, 2,2 milhões de preservativos masculinos e mais de 202,9 mil anticoncepcionais orais e injetáveis foram distribuídos.

Para este ano, a novidade prevista é a implantação de um projeto de saúde sexual e reprodutiva que abrangia também as Secretarias Municipais de Educação (SMED) e da Indústria e Comércio (SMIC), e a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC). Segundo Luciane, o objetivo é “estender o planejamento familiar para fora da área da saúde, e intensificá-lo nesta área”. O projeto está tramitando no Conselho Municipal de Saúde e deve ser aprovado até o próximo semestre.



# Estudantes ganham o palco do Unimúsica

**Caras novas** Tradicional projeto cultural reabre espaço para trabalhos de alunos da Universidade



FOTOS: RENÉ CABRAL

**Grupó Sexta Brasileira (e); Mathias Velho, vocalista do Carne de Panela (c); Sandro Souza (d)**

O Unimúsica surgiu no ano de 1981, tendo como principal objetivo criar um espaço permanente para a exibição de projetos musicais dentro da UFRGS. Essa proposta possibilitou, ao longo da década de 80, oportunidade para o surgimento de nomes como Hique Gomez, Vitor Ramil e Nei Lisboa, então em início de carreira. Agora, resgatando essa tradição, o Unimúsica 2008 – Contrapontos abre lugar em sua programação para nove projetos desenvolvidos por alunos da Universidade.

Os trabalhos escolhidos foram selecionados dentre um total de 50 inscritos, que apresentaram, em geral, um nível de qualidade bastante interessante segundo o professor Luis Augusto Fischer, um dos membros do Conselho Consultivo do Unimúsica, órgão responsável pela seleção dos projetos. Por esse motivo, três propostas a mais do que as seis originalmente previstas acabaram sendo eleitas para se apresentar.

A grande diversidade de estilos presente entre os inscritos, característica que acabou sendo mantida dentro do grupo de trabalhos selecionados, também foi destacada pelo professor Fischer. Entre os nove escolhidos, misturaram-se bandas influenciadas pela música popular brasileira e outras que trilham o caminho do pop/rock.

Alguns grupos também tocam estilos gaúchos e portenhos, como milongas e tangos, assim como composições de música erudita.

**Diversidade de estilos** – O primeiro show com projetos de estudantes da UFRGS ocorreu no dia 1º de maio, na Sala II do Salão de Atos, com a banda *Carne de Panela*; o músico Sandro Souza, acompanhado de alguns colaboradores; e o grupo *Sexta Brasileira*, em uma apresentação prestigiada por cerca de 300 pessoas, que superlotaram o espaço.

A abertura ficou a cargo do aluno de Filosofia e integrante da Orquestra da Universidade de Caxias do Sul Sandro Souza, com o show *(Re)verso*, composto por 11 canções de sua autoria. Nas palavras do músico, o projeto é “MPB feita no Rio Grande do Sul” e as músicas lembram ritmos regionais, como a moda de viola e a milonga, mas falam sobre temas que estão longe do universo tradicional gaúcho, como a busca constante pela poesia.

Aspecto bastante destacado por Sandro, essa preocupação fica evidente pelo fato de que toda a parte musical das canções do espetáculo *(Re)verso* foi feita somente após as letras das músicas estarem escritas. O próprio nome do show vem dessa proposta, demonstrando a preocu-

pação do artista com a poesia em seu trabalho.

Na seqüência do espetáculo, apresentou-se o grupo *Sexta Brasileira*, composto por um quinteto de sopros acompanhado de um percussionista. Todos são integrantes da orquestra da PUCRS e têm conhecimento de música erudita, mas, no Unimúsica, foram tocar música popular brasileira.

No show, foram mostradas as duas linhas de interpretação trabalhadas pelo grupo, que aborda de maneiras distintas a MPB: composições feitas especificamente para quintetos de sopros, adaptadas com a inclusão da percussão, e arranjos de músicas famosas como “Carinhoso”, de Pixinguinha, e “Chega de Saudade”, de Tom Jobim, criados pelo aluno do curso de Música do Instituto de Artes, Davi Coelho.

Fechando a noite, subiu ao palco a banda *Carne de Panela*, que expôs um repertório de músicas próprias. Falando sobre o trabalho, os integrantes do grupo destacaram a diversidade de influências que guiam suas composições, como o choro, o samba e a bossa nova. Para o guitarrista e vocalista Mathias Velho, as músicas da banda não têm estilo fixo, sendo impossível associá-las a um som específico. Vinicius Ferrão, também integrante da banda, lembrou a presença

de elementos do *reggae* nas canções.

Em meio a essa miscelânea de influências, dois aspectos definem o trabalho da banda: o tema das músicas, que sempre envolvem experiências e situações do dia-a-dia dos integrantes do grupo, e um estilo muito próximo à música brasileira. “Há uma vertente mais forte dentro do projeto que é esse caminho dentro da música brasileira. Toda a pesquisa dos grandes compositores que a gente faz acaba sendo abordada nas músicas próprias”, revela Mathias.

**Próximos shows** – Os estudantes da UFRGS voltam a se apresentar no Unimúsica nos dias 3 de julho e 4 de setembro. A primeira data terá o guitarrista Júlio “Chumbinho” Herrlein, o grupo *Avante*, formado por compositores de música erudita do Instituto de Artes, e a também compositora Cuca Medina.

Abriendo o espetáculo da noite, Chumbinho apresenta o show “Solo jazz guitar”, que consiste em uma performance solo do guitarrista expondo temas instrumentais que incluem jazz e música brasileira. Logo depois, o público poderá aproveitar a música erudita do grupo *Avante*, projeto que, não tendo uma criação unificada, funciona como um espaço de discussão sobre música e composi-

ção para seus integrantes. Encerrando o show, Cuca Medina apresenta o espetáculo “Canções platinas”, composto por 13 músicas que percorrem ritmos como o tango, a milonga e o candombe uruguaio. A artista promete um clima obscuro, que lembra o ambiente de um cabaré portenho.

Fechando o ciclo de apresentações de alunos, apresentam-se no dia 4 de setembro as bandas *Renascentes*, *Musical Amizade* e *Anahatta*. A primeira banda, formada por alunos do curso de Letras da UFRGS, vem com o show “Todos os nomes”, que aborda suas letras poéticas através de estilos tão diversos como o baião e o rock. Já o *Musical Amizade* leva para o palco uma combinação de instrumentos tradicionais, como guitarra e baixo, com sons eletrônicos e material audiovisual. Por fim, a banda *Anahatta*, expressão em sânscrito que significa “O som de que somos feitos”, encerra o festival com o show “Brinque, brigue, bringue”, combinando baladas e canções mais introspectivas com o estilo pop rock do grupo. Através do show no Unimúsica, a Anahatta inicia um projeto de retorno depois da parada que o grupo fez em 2007.

Diego Difini, estudante do 5º semestre de Jornalismo da Fabico

## JU indica



### Minhas viagens com Heródoto — entre a história e o jornalismo

de Ryszard Kapuscinski, Companhia das Letras, 2006, 305 págs., R\$ 50 (valor médio)

O tom bem-humorado aliado ao relato dramático de fatos que marcaram a década de 50, faz deste um dos melhores livros-reportagem lançados no país. O jornalista, que durante décadas cobriu conflitos mundo afora, relata suas primeiras experiências quando foi designado correspondente estrangeiro e enviado à Índia, China e África. Inexperiente e sem dominar outros idiomas além do polonês, ele enfrenta o desafio muniado do clássico *História*, escrito por Heródoto de Halicarnasso no século V antes de Cristo. Enquanto procura entender o que se passa à sua volta, o autor mergulha nos relatos do grego, que lhe dão a convicção de que tentar compreender outros povos e culturas constitui-se num aprendizado de tolerância e autocrítica.

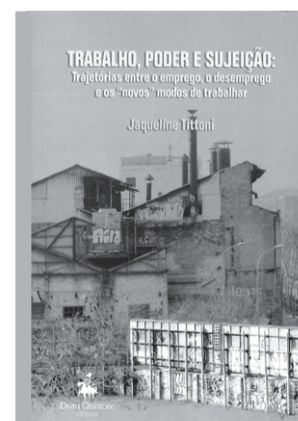
Como um repórter, Heródoto tentou evitar que os vestígios das ações humanas se apagassem com o tempo. Enquanto trabalha em suas reportagens, Kapuscinski reflete sobre o comportamento humano em situações-limite, como neste trecho, no qual percebe a rede de informantes que atua na cidade do Cairo em 1960: “Muitas dessas pessoas não têm ocupação, mas seus olhos formam uma rede de observação que abrange toda a extensão da rua, na qual nada pode acontecer sem que seja imediatamente percebido e delatado. (...) Todas as ditaduras se alimentam desse magma inerte. E elas nem mesmo precisam manter uma dispendiosa força policial. Basta lançar mão desses homens permanentemente em busca de fazer alguma coisa na vida...” (Ánia Chala)



### Cartografias da imigração Interculturalidade e políticas públicas

organizado por Denise Fagundes Jardim, Editora da UFRGS, 2007, 271 págs., R\$ 22 (valor médio)

Coletânea de textos sobre os processos de imigração contemporâneos produzidos pelos integrantes do Núcleo de Antropologia e Cidadania do IFCH. Os autores retomam importantes lições da literatura clássica em ciências sociais para compreender os modos pelos quais as políticas migratórias promovem ou rechaçam imigrantes através da classificação de “estrangeiro”. O artigo da bolsista moçambicana Dulce Mungoi analisa a imigração estudantil africana no Brasil, a partir de pesquisa com estudantes de sete países daquele continente. Para a doutoranda, a formação desses estudantes é fruto de um projeto coletivo, caracterizado pela conexão entre os interesses de diversos atores sociais (estudante, família, governos e sociedade em geral). (Ánia Chala)



### Trabalho, poder e sujeição

de Jaqueline Tittoni, Editora Dom Quixote, 2007, 236 págs., R\$ 40 (valor médio)

Livro da professora do Instituto de Psicologia da UFRGS, Jaqueline Tittoni, acompanha as trajetórias de empregados do setor petroquímico demitidos dos pólos de Triunfo (Rio Grande do Sul), e Camaçari (Bahia). Atrópeados pela ascensão do pensamento neoliberal, eles tiveram seu modo de vida redefinido: os autônomos carecem de informação para gerenciar seu negócio; os subcontratados sofrem com a precarização das condições de trabalho; e aqueles que não conseguem retornar ao mercado sentem-se abandonados pelo Estado e pelas empresas nas quais trabalhavam. Embora a demissão seja hoje um fenômeno coletivo que atinge um grande número de pessoas, a autora constata que os trabalhadores dispensados incorporam em suas falas elementos de autocalpabilização. (Ánia Chala)

# Cultura ao alcance das mãos?

Caroline da Silva

Intelectuais, profissionais da área e simples receptores da cultura há anos criticam o sistema de financiamento de projetos culturais no Brasil. Em janeiro, o ministro Gilberto Gil admitiu que a Lei Rouanet (nº 8313/91) possa sofrer alterações, e uma manifestação do Ministério sobre o assunto é esperada para os próximos dias.

Na UFRGS existem dois cursos de especialização relacionados à gestão cultural. Um deles é desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação em Economia e abre inscrições para a terceira turma no segundo semestre de 2008. O curso de especialização em Economia da Cultura é coordenado pelo professor Stefano Florissi, que no ano passado lançou um livro homônimo co-assinado por Leandro Valiati, pesquisador e coordenador do Núcleo de Economia Multidisciplinar (NEM), que também ministra aulas na especialização. Segundo Valiati, a Economia da Cultura usa os métodos econômicos para entender a materialidade e a imaterialidade do processo de produção, gestão, construção, demanda e incentivo para a oferta de bens culturais.

O outro curso da Universidade é direcionado a projetos sociais e culturais e originou-se de um convênio dos programas de pós-graduação em Antropologia e Sociologia com o Programa Escola Aberta da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). “Nosso papel é instrumentalizar os professores da rede estadual para que aprendam como funciona o sistema de financiamento da cultura no Brasil, o que são políticas culturais e como trabalhar isso de maneira a criar uma relação mais estreita entre a comunidade e a escola, corrigindo problemas como evasão escolar e desinteresse”, conta Ben Berardi, produtor cultural responsável por esta parte do curso de especialização.

**Políticas culturais** – “Um conjunto de formulações e intervenções políticas, sistemáticas e articuladas que tem como objetivo o desenvolvimento da cultura.” A definição sintética para política cultural é do professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Antonio Albino Canelas Rubim. Com pós-doutorado na área, o pesquisador adverte que as políticas culturais devem considerar os diferentes momentos essenciais à dinâmica da cultura: criação, divulgação, preservação, crítica, pesquisa, consumo, organização, entre outros.

Quando se fala em política cultural no país, pensa-se em leis de incentivo. Rubim vê como um proble-



**Políticas e incentivo**  
*Mercado de bens culturais brasileiro apresenta estrutura dependente da legislação*

A exposição *Visões da Terra*, do Museu da UFRGS, foi viabilizada pela Lei Rouanet

ma o fato dessas leis terem se tornado, no período Fernando Henrique Cardoso, praticamente a política cultural oficial do governo, dada a ausência do Estado na formulação e atuação nesse campo.

Na opinião do professor, historicamente o Brasil colocou a cultura em segundo plano. Isso contaminou o imaginário social e cultural inclusive dos artistas e intelectuais, empobrecendo-o em grandes proporções: “Muitos passaram a considerar que a única alternativa existente para o financiamento da cultura eram as leis de incentivo e, pior que isto, que elas substituíam as políticas culturais”.

Leandro Valiati considera um erro gravíssimo confundir política com lei de incentivo à cultura: “As leis de incentivo devem ser um complemento e um instrumento de cumprimento da política cultural”.

**Papel da cultura** – Ben Berardi afirma que a política de cultura deveria ser algo prioritário para o Estado por ser um bem inalienável: “Sem ela não há transformação social e noção de identidade e pertença, imprescindíveis para a vida comunitária e para a vida da pessoa como cidadão”.

As leis de incentivo foram criadas pensando na garantia de certos valores culturais essenciais. Conforme os pesquisadores da área, é fundamen-

tal eleger a cultura como prioridade, “para um desenvolvimento mais democrático, sensível e justo do país”. Albino Rubim defende que se isso não ocorrer podemos comprometer nosso projeto de nação e futuro.

**Leis de incentivo** – A lei de incentivo à cultura nacional foi proposta em 1991, como uma revisão da Lei Sarney, de 1986. Por ser retomada pelo secretário da Cultura Sergio Paulo Rouanet, ficou conhecida como Lei Rouanet. Esse mecanismo de incentivo possibilitou a dedução de altos índices do Imposto de Renda devido por empresas e pessoas físicas. Se o projeto for aprovado e enquadrar-se no artigo 18 da lei, podem ser abatidos 100% do imposto incentivado, observando-se o limite de 6% devido por pessoa física e 4% para pessoa jurídica. “Sem a adequação a esse artigo, o índice varia de 65 até 80%”, diz Ben Berardi.

As leis de incentivo nacionais trabalham com a renúncia fiscal alusiva ao Imposto de Renda, enquanto a Lei de Incentivo à Cultura estadual se refere ao Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS). Para o produtor, esse panorama traduz uma terceirização da cultura, pois o governo abre mão da gestão de verbas públicas, passando essa obrigação para a iniciativa privada.

**Investimento direto** – “O Fumproarte é uma das poucas experiências interessantes no país”, garante Ben Berardi. O Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural foi instituído em 1993 pela prefeitura de Porto Alegre através da Lei nº 7.328. Trata-se de uma forma de investimento direto do município, na qual não se está habilitado somente a captar recursos.

O MinC também tem seu Fundo Nacional de Cultura, mas a verba é irrisória perante o potencial de financiamento proporcionado pelas leis de incentivo. No Rio Grande do Sul, durante o governo Olívio Dutra, foi criado um Fundo de Apoio à Cultura (FAC). Apesar de aprovado pela Assembleia Legislativa, até hoje não tem dotação orçamentária.

“Esses fundos de investimento direto do Estado em cultura reduzem o risco do desaparecimento de elementos caros à identidade cultural de uma nação.” A explicação de Ben Berardi resume a unanimidade entre os pesquisadores ouvidos pela reportagem: a decisão sobre o destino de uma verba pública não pode ser privada. “O Ministério da Cultura, que tem avançado em tantas áreas, deve à sociedade brasileira uma revisão radical das leis de incentivo, hoje com graves distorções”, conclui Albino Rubim.

## Cultura na UFRGS Problemas de orçamento também na academia

A diretora do Museu da UFRGS, Cláudia Boettcher, integrou a primeira turma do curso de especialização em Economia da Cultura. Sua motivação foi refletir sobre a cultura, pois sua experiência no Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão limitava-se ao fazer cultural. O curso tratou do calcanhar-de-aquiles dos produtores da área: a questão financeira. “Aprendemos como apresentar nosso produto cultural para

que ele seja visto como um agregador de valor para as empresas.”

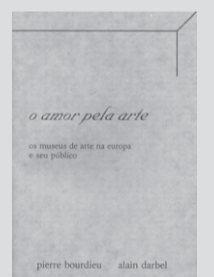
Como exemplo de uma iniciativa bem-sucedida, cita a viabilização da exposição *Visões da Terra*, realizada em parceria com a Companhia Petroquímica do Sul (Copesul), através de um convênio aprovado pelo Conselho Universitário. Financiada pela Lei Rouanet, via incentivo fiscal, a mostra insere-se no projeto Copesul Cultural, que tem planejamento da Telos –

Empreendimentos Culturais, empresa que desenvolve os projetos a serem aprovados pela Lei de Incentivo à Cultura e capta os recursos. No entendimento de Ben Berardi, professor do curso de especialização em projetos sociais e culturais, esse tipo de formato alterou a economia da cultura. O produtor, que antes era um meio, transformou-se em um fim, pois ele detém a verba, já tendo o convênio estabelecido com a empresa.

Cláudia diz que seria muito difícil realizar uma exposição com o padrão de qualidade e geração de acervo que o Museu da UFRGS vem desenvolvendo sem patrocínio, pois “a cultura sempre tem pouco recurso”. No orçamento da Universidade não existe destinação para a área cultural. Segundo a diretora, como a Pró-reitoria de Extensão considera a ação cultural essencial para a Universidade, é destinado um valor anual para a cultura.

## Livros relacionados ao tema

**O Amor pela Arte: os museus de arte na Europa e seu público**  
Alain Darbel e Pierre Bourdieu  
(Edusp/Zouk, 2003, 244 págs., R\$ 36)



O pesquisador em Economia da Cultura Leandro Valiati cita este livro ao mencionar a questão de estoque cultural. A obra faz uma análise estatística dos museus europeus, levantando quais são os elementos que motivam a demanda por cultura. “Analisando as instâncias de capital, conclui-se que capital cultural leva a capital cultural.”

**Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**  
Rogerio Proença Leite  
(Unicamp/UFSC, 2004, 360 págs., R\$ 35)



“Trata de como a política cultural pode ser importante para a sociedade como um todo”, indica Leandro Valiati. O professor do curso de especialização do Programa de Pós-graduação em Economia relata que o livro aborda a revitalização urbana do Centro Histórico do Recife via Economia da Cultura.

ROMILDO LIBACHENSKI

► **Redação** Diego Difini | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para [parajornal@ufrgs.br](mailto:parajornal@ufrgs.br)

## DESTAQUE

# Do palco para as escolas

*Projeto Teatro, Pesquisa e Extensão quer intensificar participação de estudantes de nível médio*

Em seu sexto ano de existência, o Teatro, Pesquisa e Extensão prioriza uma proposta antiga: inserir o fazer teatral no cotidiano dos estudantes da rede de ensino público e privado de Porto Alegre. O projeto, organizado pelo Departamento de Arte Dramática e pelas pró-reitorias de Pesquisa e de Extensão da Universidade, pretende aumentar o número de agendamentos de escolas, que já era expressivo nos anos anteriores, através de convites às instituições.

Os grupos que se apresentam serão incentivados a desenvolver atividades de retorno ao público, como oficinas que aproximem os estudantes do universo da peça ou bate-papos nos colégios. Além disso, serão retomados os debates após a última sessão de cada mês como forma de contato

com a platéia.

Neste mês está em cartaz o espetáculo "As artimanhas de Arlecchino", texto adaptado da obra *Arlequim: servidor de dois patrões*, de Carlo Goldoni (1707-1793) pela Companhia Il Truco. A peça traz o humor típico da *commedia dell'arte*, gênero teatral popular feito de trapaças, mentiras, sobressaltos, paixões e, sobretudo, muita graça. A montagem, originada da disciplina Dramaturgia do Encenador, com orientação da professora Inês Marocco, conta a história de dois casais apaixonados em meio a muitos enganões e confusões gerados pela decisão de Arlequim de servir a dois patrões.

Em junho, será apresentada a peça "As cadeiras", do dramaturgo romeno Eugène Ionesco (1909-1994), considerado o pai do



teatro do absurdo. O espetáculo expõe a solidão extrema em que vive o ser humano, ao mostrar o empenho patético e doloroso com que um casal de velhos tenta tornar ocupadas as cadeiras vazias de suas existências. A peça originou-se das disciplinas Ateliê de Criação II e Ateliê de Composição II e foi desenvolvida através de jogos e técnicas corporais e vocais.

As apresentações ocorrem sempre às quartas-feiras, em dois

horários: às 12h30min e às 19h30min, com entrada franca e retirada de senhas uma hora antes do início de cada espetáculo.

As sessões serão realizadas exclusivamente na Sala Qorpo Santo, no Campus Centro da UFRGS. O agendamento de grupos e escolas pode ser feito através do e-mail [teatrope@gmail.com](mailto:teatrope@gmail.com) ou pelos telefones 9962-5454 e 9951-0084.

## CINEMA

### 68 — o ano que jamais terminará

Projeto organizado pelo IFCH, que busca resgatar os temas e acontecimentos que marcaram o mítico ano de 68 através da produção cinematográfica da época. Após cada sessão, há um debate conduzido por um professor e por um aluno de graduação ou pós-graduação do Departamento de História.

**A CONFISSÃO** (França, 1970, 139 min.), de Costa-Gravas.

Em um país comunista do leste europeu, alto funcionário do governo é preso, acusado de traição à pátria. Na prisão, ele é impiedosamente torturado e forçado a confessar crimes que desconhece. Data: 24 de maio, sábado  
Local e horário: Sala Redenção, às 15h30min  
Ingresso: R\$ 2

**INVESTIGAÇÃO SOBRE UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA** (Itália, 1970, 114 min.), de Elio Petri.

O filme crítica o papel da polícia através da história de um estudante de esquerda que é incriminado pela morte de sua amante pelo policial que investiga o caso. Data: 31 de maio, sábado  
Local e horário: Sala Redenção, às 15h30min  
Ingresso: R\$ 2

**A BELA DA TARDE** (Itália, 1967, 100 min.), de Luis Buñuel.

Séverine é jovem e rica, mas vive infeliz. Sem encontrar prazer com seu marido, ela passa a frequentar um bordel para realizar suas fantasias sexuais. Data: 7 de junho, sábado  
Local e horário: Sala Redenção, às 15h30min  
Ingresso: R\$ 2

## PLANETÁRIO

### Projeto Selene

Programa de observação de planetas e astros notáveis no céu de Porto Alegre através de telescópio. Em caso de mau tempo, a atividade será cancelada. Datas: 7 e 8 de junho, sábado e domingo  
Local e horário: pátio do Planetário, logo após o pôr-do-sol  
Entrada franca

### Educação anti-racista no cotidiano escolar

Ciclo de cinema infantil que aborda a diversidade cultural e racial. Agendamento de grupos e escolas pelo site [www.difusao.cultura.ufrgs.br](http://www.difusao.cultura.ufrgs.br).



**AS AVENTURAS DE AZUR E ASMAR** (França, 2006, 99 min.), animação de Michel Ocelot.

Azur, garoto nobre de olhos azuis, e Asmar, moreno e filho da ama-de-leite da casa, são criados como irmãos. Separados abruptamente, encontram-se anos depois como rivais na busca por uma fada lendária. Sessões: 26 a 30 de maio, segunda a sexta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 10h e às 14h  
Entrada franca

### História vai ao cinema com o Aplicação

Ciclo que traça um panorama histórico dos acontecimentos do final do século XIX até a década de 90. Sessões seguidas de debates.



**O IMPERADOR DO NORTE** (EUA, 1973, 118min.), de Robert Aldrich. Produção baseada no livro de Jack London, *The road*, que se passa durante a Grande Depressão americana, em que um guarda ferroviário persegue desempregados que viajam de graça nos trens. Data: 4 de junho, quarta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h.  
R\$ 3,00

**O BAILE PERFUMADO** (Brasil, 1996, 93min.), de Paulo Caldas e Lírio Ferreira. A história do fotógrafo Benjamin Abrahão, que grava as únicas imagens do bando de Lampião, mas é censurado pelo Estado Novo. Data: 11 de junho, quarta-feira.  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h.  
R\$ 3,00

## MÚSICA

### Série IA/UFRGS: 100 Anos de Música — Orquestra SESI/Fundarte

Concerto que integra as comemorações do centenário do Instituto de Artes. Data: 29 de maio, quinta-feira.  
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, às 19h  
Entrada franca

### Unimúsica: viagem de verão — canções e versões, de Schubert a Caymmi



Show com a cantora Jussara Silveira, acompanhada do violonista e compositor Arthur Nastrovski e do pianista, arranjador e também compositor André Mehmari. O espetáculo é composto por versões de canções de Schubert e Schumann, recriadas, na voz da intérprete baiana, como música brasileira. Data: 5 de junho, quinta-feira  
Local e horário: Salão de Atos, às 19h  
Entrada franca com retirada de senhas a partir de 2 de junho, mediante a doação de um quilo de alimento

### Unidéia — Pra que crítica?

O violonista, compositor e articulista da Folha de S. Paulo Arthur Nastrovski discute a concepção e a função do texto de crítica musical e sua desvalorização nos dias de hoje. Data: 6 de junho, sexta-feira  
Local e horário: Museu da UFRGS, às 19h  
Entrada franca

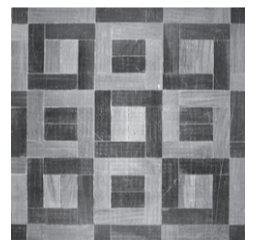
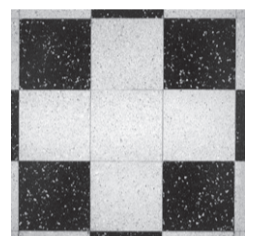
## EXPOSIÇÃO

### Areais gaúchos: um desafio para a percepção e a estética

Além de fotografias de areais gaúchos, a exposição exhibe o vídeo *Existem desertos no sudoeste do Rio Grande do Sul?* e o *Atlas da arenização*. O material é resultado da pesquisa desenvolvida pelo Departamento de Geografia do Instituto de Geociências. Visitação: até 20 de junho.

Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h  
Entrada franca

### Por onde anda a arquitetura: revestimentos de piso da Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Mostra que apresenta o levantamento fotográfico realizado pelo projeto de pesquisa do professor Ailton Cattani, do curso de Design da UFRGS. As imagens serão apresentadas em cubos suspensos, intercalando as fotos com desenhos que salientam a geometria de cada piso. Abertura: 27 de maio, terça-feira, às 19h  
Visitação: 28 de maio a 13 de junho  
Local e horário: espaço de exposição do térreo da Faculdade de Arquitetura, de segunda a sexta-feira, das 7h às 23h  
Entrada franca

### Colagens contemporâneas cruzamentos (im)puros?

A exposição apresenta a produção prática e teórica do projeto de pesquisa *Processos híbridos na arte contemporânea*. Participam Antonio Vargas, Patrícia Franca, Ricardo Cristofaro, Rochelle Costi, Rodrigo Braga, Sandra Rey, Shirley Paes Leme e Walmor Correa. Abertura: 28 de maio, quarta-feira, às 19h  
Data: 29 de maio a 20 de junho  
Local e horário: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h  
Entrada franca

## ONDE?

AUDITORIUM TASSO CORRÊA  
Senhor dos Passos, 248  
Fone: 3308-4318

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO  
Washington Luiz, 855  
Fone: 3308-3698

FACULDADE DE ARQUITETURA  
Sarmiento Leite, 320  
Fone: 3308-3443

HOSPITAL DE CLÍNICAS  
Ramiro Barcelos, 2.350, térreo  
Fone: 2101-8211

MUSEU DA UFRGS  
Oswaldo Aranha, 277  
Fone: 3308-3436/4022

NÚCLEO DE FOTOGRAFIA DA FABICO  
Ramiro Barcelos, 2.705 - sala 314  
Fone: 3308-5147

PLANETÁRIO  
Ipiranga, 2.000  
Fone: 3308-5384

PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO  
Senhor dos Passos, 248 - 2º andar  
Fone: 3308-4302

SALA REDENÇÃO  
Luiz Englert s/nº  
Fone: 3308-3390/3933

SALA QORPO SANTO  
Luiz Englert s/nº  
Fone: 3308-3080

SALÃO DE ATOS  
Paulo Gama, 110 - térreo  
Fone: 3308-3066

## ESPECIAL

### Fronteiras do Pensamento Copesul Braskem

Seminário cujo foco é o debate sobre a arte e a linguagem na cultura contemporânea. As palestras ocorrem às segundas-feiras, no Salão de Atos. Os ingressos já estão esgotados.

26 DE MAIO — JOSÉ PADILHA E BETO BRANT Conferência com dois expressivos cineastas brasileiros da atualidade. Roberto (Beto) Brant tem um estilo pessoal que se apropria das fórmulas narrativas do cinema policial norte-americano com tramas provocativas. Em sua filmografia destaca-se *O Invasor* (2002), *Crime Delicado* (2005) e *Cão sem dono* (2007). José Padilha foi recentemente premiado com o Urso de Ouro no Festival de Berlim por *Tropa de Elite*, sua primeira obra ficcional. O filme liderou o ranking nacional no último ano e transformou Padilha em um dos principais diretores brasileiros no mercado externo. Em 2002, ele já havia conquistado projeção internacional com *Ônibus 174*, documentário baseado no episódio do seqüestro de um ônibus no Rio de Janeiro.

## CURSOS & PALESTRAS

### Administração pública eficaz

Estão abertas até 30 de maio as inscrições para o curso a distância organizado pela Escola de Administração, dirigido a especialistas na área. As aulas serão desenvolvidas em três módulos ou conjuntos de disciplinas, durante um trimestre de atividades. Inscrições: Escola de Administração, de segunda a sexta-feira, 13h às 21h  
Informações: 3308-3133 ou no site [www.ea.ufrgs.br/pos](http://www.ea.ufrgs.br/pos)

### Introdução à fotografia

Curso de extensão para pessoas com pouco ou nenhum conhecimento de fotografia. As aulas serão ministradas por Myra Gonçalves, fotógrafa e mestre em Artes Visuais pela UFRGS. Data: 9 a 26 de junho, segundas, quintas e sábados  
Local e horário: Núcleo de Fotografia da Fabico, nas segundas e quintas, das 19h às 22h; e aos sábados, das 10h às 12h  
Inscrição: R\$ 190

### HIV e adolescência

Ciclo de Palestras sobre adesão ao tratamento antiretroviral, promovido pelo Hospital de Clínicas dirigida a pacientes, familiares, profissionais da saúde e comunidade em geral. A palestrante será a médica Miriam Day Hagel. Não há necessidade de inscrição prévia. Mais informações pelo fone 2101-8384. Data: 28 de maio, quarta-feira  
Local e horário: sala 160 do Hospital de Clínicas, às 19h  
Entrada franca

### Visões da terra e sustentabilidade humana

Palestra com o professor Rualdo Menegat, curador da exposição "Visões da terra: entre deuses e máquinas - qual o lugar da humanidade no mundo em que vivemos?". Data: 5 de junho, quinta-feira  
Local e horário: sala multimeios do Museu da UFRGS, às 18h  
Entrada franca

## Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

### O luthier do Dafa

André Cavedon Ripoll é acadêmico de Arquitetura desde 2004 e há dois anos começou a construir bem mais do que maquetes.

Utilizando a estrutura e os equipamentos da maquetaria da Faculdade, já confeccionou duas guitarras.

Ao final de seu primeiro ano de faculdade, resolveu fazer uma flauta a partir de cano de PVC, pois se interessava pela física da música. Sua atividade como luthier (construtor de instrumentos de corda) teria começado com a construção de um banjo, mas durante uma pesquisa na Internet, acabou optando pela guitarra elétrica.

O filho de professores do Instituto de Matemática da Universidade, relata que criou sua primeira guitarra partindo do zero: "Não é tão diferente da forma de um projeto arquitetônico, só mudam o objetivo e os problemas, o processo todo é muito semelhante". O aluno destaca o apoio do funcionário responsável pela maquetaria, Nelson Rosa: "Quando disse o que pretendia fazer, ele foi totalmente aberto a me ajudar. Até porque ele acha, e eu também, que é um aprendizado válido para a formação do arquiteto".

O estudante está no 9º semestre e acaba de assumir a coordenação do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura (Dafa). Rejeitando o título de presidente, diz ocupar um cargo meramente figurativo, já que todas as decisões são tomadas em conjunto. Por que entrar para o diretório somente nesta altura do curso? André sempre teve muitos interesses, e esteve em dúvida se queria ser arquiteto. Ele irá formar-se só daqui a dois anos e meio, pois julgou que fazendo menos disciplinas, poderia aproveitá-las melhor.

Quando se decidiu pela profissão, começou a pensar sobre o ensino e o próprio espaço da Arquitetura dentro da UFRGS: "Estudamos num local que não tem qualidade arquitetônica." Concluiu que o diretório acadêmico deveria ter uma participação maior nessa área. O estudante diz que o irritava o fato do Dafa fazer muita festa e pouca academia. "Era um diretório acadêmico que de acadêmico tinha muito pouco. Então me reuni com um grupo de amigos e começamos a discutir o que queríamos para a nossa faculdade, o que significa estudar numa universidade pública, formar-se arquiteto numa universidade dessas e o que seria um DA ideal nesse contexto."

Na visão de André, a universidade pública tem mais funções além da graduação e pós-graduação. "Procuo me relacionar com a UFRGS sob os três pilares de ensino, pesquisa e extensão e lutar para que ela tenha essa relação com toda a comunidade externa." Ele admite

que sua vida de estudante é plena, "a Universidade nos proporciona muitos espaços, desde que lutemos por eles, e um ensino de qualidade. É isso que vai nos dar uma formação bacana, me sinto bem satisfeito".

Frequêntando o espaço físico do diretório antes de assumi-lo, define o ambiente como um lugar onde se pode fazer festa, encontrar amigos, discutir trabalhos, estudar e até dormir. "Todo mundo sente - ou deveria sentir - um amor pelo seu próprio espaço. Considero que o Dafa é dos estudantes, tem a cara deles. Todos têm algo em comum: estudar nessa faculdade, ter os mesmos professores, os mesmos tipos de problemas e o mesmo tipo de interesse." O convívio proporcionado pelo Diretório é o que mais chama a atenção do luthier.

Como faz estágio no Núcleo de Estudo em Assentamentos Humanos (NUC) da Faculdade, André acaba passando seus dias inteiros na Universidade e aproveitava para utilizar a cozinha do Dafa para realizar as refeições, que são rápidas: "Não vale a pena ir para casa. Tenho aula de manhã, estágio de tarde e aula de noite de novo, as brechas eu preencho aqui", diz o estudante que já dormiu, jogou sinuca e teve suas principais discussões sobre Arquitetura dentro do diretório.

Além dos sofás de couro, da cozinha, da mesa de sinuca e do ambiente para estudo; o Dafa oferece mais atrativos. Dotado de um estilo próprio aos estudantes de Arquitetura, o chão é listrado de preto e branco, as paredes têm um interessante contraponto de verde e vermelho, o desenho da janela que divide os dois ambientes também não é tradicional. Há um bicicletário, TV, DVD, amplificador de som, murais, rede pendurada e um pequeno tablado com pufes - onde, durante toda a entrevista com o jovem, um grupo de colegas debateu uma maquete. Outros, passavam pelo estudante e o chamavam de "pop star".

O luthier já considerou fazer guitarras para vender, mas percebeu que é um passatempo. Começou a construí-las porque queria que elas tivessem a sua cara "seus defeitos são meus próprios defeitos, assim como as qualidades que eu mesmo busquei." As guitarras elétricas de André Ripoll têm a sua cara e o Dafa é o seu lugar. (Caroline da Silva)

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

# Perfil Descendente de Júlio de Castilhos

## Construtor

*Ao completar cem anos de vida, ex-diretor e professor da Faculdade de Arquitetura relembra trajetória*

Caroline da Silva

Sabe o que Júlio Ribeiro de Castilhos fez questão de fazer no dia de seu aniversário? Recitar o poema *Chimarrão*, de Glaucus Saraiva. Nascido em 22 de abril de 1908, no Alegrete, o ex-professor da UFRGS cultiva até hoje o espírito tradicionalista. Orgulhoso de sua terra e costumes, sorve o "amargo doce" quase sempre. E corrige a filha Vera Castilhos, que narra sua vinda da cidade natal: "O pai veio de Alegrete bem jovem para estudar". "Do Alegrete", ele retruca.

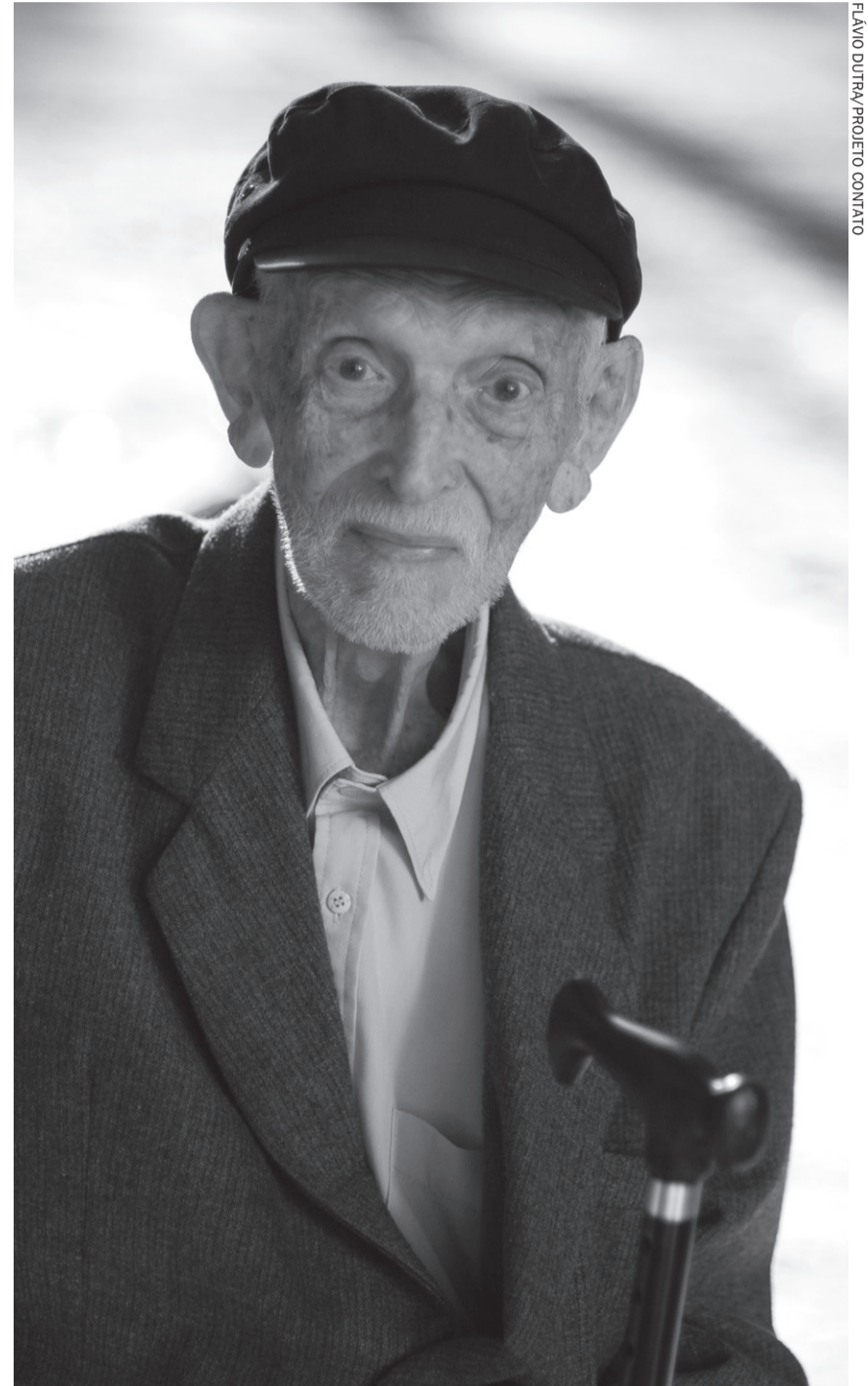
Neto do fazendeiro mais rico da região, Tristão Ribeiro de Farias Guimarães, segundo o que conta, o então menino de 12 anos resolveu vir à capital para estudar. Não via outra opção na Campanha senão tornar-se peão de estância.

Júlio era dois anos mais velho que Mario Quintana, seu conterrâneo que já tinha vindo para Porto Alegre. E por coincidência, foi hospedar-se na mesma pensão em que vivia o futuro poeta. Junto com os amigos da juventude, entre os quais o ex-senador Tarso Dutra, ia à Rua da Praia flertar com as meninas.

**Realizações** - Na estante da sala, uma lembrança da cidade de Bento Gonçalves, com a fotografia da ponte que a separa do município de Veranópolis. O engenheiro participou do projeto da Ponte Ernesto Dornelles - referência mundial por não ter pilares de sustentação -, pela qual alimenta muito carinho. Assumindo-se degustador de vinho, diz ter grande proximidade com os descendentes italianos.

Entre suas realizações na Universidade, destacam-se aquelas enquanto foi chefe da Divisão de Obras, na gestão de Elyseu Paglioli, de 1952 a 1964. Como responsável por esse órgão, projetou e realizou as seguintes construções: Hospital de Clínicas, Reitoria, Restaurante Universitário, Hospital Veterinário, Instituto de Pesquisas Hidráulicas, Estação Experimental Agronômica, Rádio da Universidade, Pavilhão de Tecnologia da Química, Escola de Engenharia Nova e as faculdades de Arquitetura, Economia, Educação, Filosofia e a ampliação da Medicina. Quando a Universidade de Pelotas era vinculada à Universidade do Rio Grande do Sul, antes da federalização, fez o projeto da Faculdade de Odontologia, da Casa do Estudante e orientou a reforma da Faculdade de Direito daquela instituição.

Ao falar de Paglioli emociona-se: "Era médico de muito conceito e castilhistas". Toda a vida do engenheiro, professor e diretor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS foi marcada



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

pela imagem de seu tio-avô, Júlio Prates de Castilhos.

**História** - O sobrinho-neto do republicano estudou no colégio que levou o nome do ex-governador gaúcho, e assistiu ao incêndio que destruiu a tradicional escola em 1951. Depois, no mesmo lugar, construiu o prédio da Faculdade de Ciências Econômicas.

Entre outras dessas coincidências, conta que jogava futebol no terreno onde hoje está erguido o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, também projeto seu. Ele pede aos familiares que, se algo lhe acontecer, não o levem para ser atendido no HCPA, porque o excesso de emoção pode fazê-lo ir embora antes do tempo.

O professor de Desenho Técnico também teve o prazer de projetar a Faculdade em que, anos mais tarde, um de seus netos se formaria dentista, em Pelotas. Quando indagado sobre todas as obras que têm a sua mão, é enfático: "Não fui eu que fiz, eu projetei".

Ele deixou a direção da Faculdade de Arquitetura em 1971 e continuou a dar aulas até 1978, quando teve de aposentar-se. A aposentadoria compulsória significou uma tristeza tremenda. Dias antes de completar 70 anos, foi aconselhado a pedir demissão, pois seria muito desagradável ter de dispensá-lo. Castilhos considerava-se, ainda, muito ativo. Até os 93 anos, morou sozinho em seu sítio em Glorinha.

**Hábitos** - Sentado na poltrona jun-

to à janela de onde avista a Praça Israel, o apreciador de poesia mostra as leituras mais recentes: *Espumas flutuantes*, de Castro Alves. Sem deixar, claro, de mencionar a grande obra do amigo do Alegrete. Também puxa um guia sobre a arquitetura de Barcelona, cidade que visitou e lhe impressionou muito.

O ex-professor tem o costume de alimentar pombos na praça em frente ao seu prédio, no final das manhãs. "Elas me esperam, e sou só eu que faço isso", diz, colocando um saco de arroz no bolso do casaco. Júlio também conta que, há muitos anos, em um dia de chuva, plantou grama no local. Todas as lembranças emocionam o engenheiro. Em sua opinião, é preciso aprender coisas novas "para ficar bem de cabeça". A filha Vera repete a frase preferida do pai: "É preciso sempre haver uma esperança na mente do homem para que ele continue."

Pai de três filhos, foi seis vezes avô e tem oito bisnetos homens e só uma mulher: "Mais castilhinhos". Demonstrando grande felicidade em receber a reportagem do JU e fazendo pose para as fotografias, ele contou, orgulhoso, que seu pai também era jornalista. Adelo Xavier de Castilhos criou a Gazeta do Alegrete, jornal mais antigo do estado.

Aos 100 anos de idade, Júlio Ribeiro de Castilhos participa do Grêmio Literário Castro Alves do bairro Menino Deus, come de tudo e decora poesias para exercitar a mente - fazendo questão de que sua festa de aniversário fosse realizada no CTG de Glorinha.



A música suaviza as paredes (Rua Mouffetard)

FOTOS E TEXTO **FLÁVIO DUTRA**

Quando se diz que uma das faces mais importantes dos eventos do maio de 68 foi a sua veia comportamental, pode-se dizer que suas expressões mais visíveis foram as palavras de ordem pichadas nos muros de Nanterre, da Sorbonne ou do Boulevard Saint-Germain, em Paris.

Gritadas, escritas ou impressas, originais ou retiradas de pensadores referenciais daquele momento, foram reproduzidas para bem além da França. Caetano Veloso, por exemplo, vociferou iradamente o "É proibido proibir" ao ser vaiado no III Festival Internacional da Canção, no Maracanãzinho, em setembro daquele mesmo ano. Muros e paredes não passaram incólumes por aquela primavera. Entre tantas frases e vontade de se expressar, até o "Não tenho nada a escrever" tinha significado.

Hoje, ao contrário, muros e paredes parecem não ter mais a palavra. O silêncio tomou-se palavra de ordem. Ou, pior, a expressão exibicionista passou a ser onipresente: "Dano", "Rysko" ou "To-Pra" estão por todo lado. Em 68, eles não teriam espaço. Lá a celebridade era concedida às frases, e seus autores não precisavam estar colados às circunstâncias: anonimato participante, monumentos históricos sem esta pretensão.

As fotos desta página são uma homenagem a esta faceta do maio de 68, uma quase tradição francesa. Não mais frases militantes, mas ainda irônicas, algumas vezes ácidas, outras, simplesmente humoradas. Foram feitas em Paris, em fevereiro passado.

# As paredes têm a palavra



Sempre menos para eles. Até quando? (cartaz na Gare Saint-Lazare)



Parisienses, mulheres fatais (Place Italie)

Graffites na Rua Mouffetard (abaixo e à direita)

